



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-ESPANHOL**

GESSICLEIDE MARIA BARBOSA

**O CINEMA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NAS AULAS DE
LITERATURA**

CAMPINA GRANDE-PB

2021

GESSICLEIDE MARIA BARBOSA

**O CINEMA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NAS AULAS DE
LITERATURA**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras-Espanhol

Área de concentração: Educação

Orientador: Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva

CAMPINA GRANDE-PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B239c Barbosa, Gessicleide Maria.
O cinema como ferramenta pedagógica nas aulas de literatura [manuscrito] / Gessicleide Maria Barbosa. - 2021.
63 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.
"Orientação : Profa. Dra. Valdecir Margarida da Silva, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Tecnologias digitais. 2. Cinema. 3. Ensino literário. 4. Prática docente. I. Título

21. ed. CDD 371.33

GESSICLEIDE MARIA BARBOSA

**O CINEMA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NAS AULAS DE
LITERATURA**

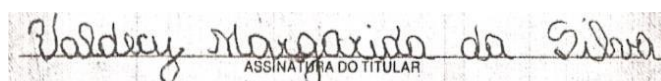
Monografia de conclusão de Curso apresentada ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras-Espanhol.

Área de concentração: Educação

Aprovado em 01/06/2021.


Nota: 90 (NOVE)

BANCA EXAMINADORA




ASSINATURA DO TITULAR

Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva – UEPB
(Orientadora)



Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro – UEPB
(Examinadora)



Prof. Mestre Alessandro Giordano – UEPB
(Examinador)

Dedico...

Primeiramente à Deus, que me permitiu iniciar e finalizar mais uma etapa da minha vida. Aos meus pais, Adeise e Manoel; minhas irmãs e à minha orientadora, Profa. Valdecy Margarida que me acolheu neste desafio.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Deus pelos dons que me concedeu, por me manter na trilha certa durante a realização deste projeto com saúde, força, fé e perseverança para conseguir chegar até o final. Sou grata também à minha querida e amada mãe, Adeise Maria, pelo apoio, companheirismo, amor e paciência nos dias que estive cansada e angustiada e mesmo assim me deu forças para não desistir no meio do caminho. Ao meu pai, Manoel, que contribuiu também com carinho e compreensão; às minhas irmãs, pela amizade e companheirismo. Obrigada por estarem sempre me ajudando durante essa trajetória chamada "vida".

Agradeço também à minha querida orientadora Valdecy Margarida, que carinhosamente chamamos de Val, que me acolheu de braços abertos com carinho e dedicação na realização deste sonho. Pessoa que admiro profundamente como profissional e ser humano. Durante as orientações se mostrou uma mulher generosíssima, acolhedora, alegre e simpática. Obrigada pela oportunidade e confiança. Suas leituras cuidadosas e contribuições foram essenciais para o aperfeiçoamento da minha pesquisa.

Ao meu estimado professor Alessandro Giordano, pessoa que tive a honra e o privilégio de conhecer durante o curso e que contribuiu de maneira significativa para as minhas leituras e pesquisas. Profissional humilde e alegre que cativa seus alunos na forma como conduz suas aulas. Os meus sinceros parabéns pela pessoa que és, que incentiva seus alunos a nunca desistir e arranca os melhores risos deles. Foi um prazer ser sua aluna e compartilhar de seus conhecimentos. Também agradeço a professora Socorro por aceitar fazer parte da minha banca e dar sua parcela de contribuição na melhoria desta pesquisa.

Por fim, obrigada a todos os professores que tive a oportunidade de conhecer ao longo da academia, os quais não irei nomear para não cometer nenhuma injustiça. Todos terão os meus sinceros e eternos agradecimentos. Obrigada, também, aos amigos que fiz durante o Curso. Jessica Emanuely, pessoa alegre e simpática que ganhou a minha amizade pela sua

espontaneidade e simplicidade de ser. Josimar Pereira, amigo alegre e brincalhão que me arrancou várias risadas. Beatriz Brennand, Antônio Rodrigues, Helaine de Souza Marciel, Fabiana e tantos outros colegas que contribuíram com seu carinho, alegria e companheirismo. Obrigada por deixarem as minhas manhãs na UEPB mais alegres e animadas. Quero levar a amizade de vocês pra vida pois muitos passaram mas só vocês ganharam meu carinho especial no meu coração. Agradeço também à Universidade Estadual da Paraíba, que se mostrou acolhedora com seus discentes neste momento difícil que estamos passando e a todo seu corpo docente que demonstrou-se comprometido com a qualidade e excelência do ensino.

RESUMO

A revolução industrial trouxe grandes inovações tecnológicas no próprio setor industrial, no meio científico e educacional. Período este que causou mudanças significativas no processo produtivo e nas relações de trabalho. Destarte, tais meios tecnológicos garantiram espaço e utilidade em quase todas as áreas da vida humana, permitindo à sociedade desempenhar suas atividades de forma rápida. Logo, foram esses acontecimentos que impulsionaram a criação de novas ferramentas pedagógicas no âmbito escolar ampliando, assim, as possibilidades de ensino. O cinema foi uma dessas inovações que repercutiram diretamente no modo de vida das pessoas, sendo ele uma ferramenta de entretenimento e conhecimento. A escola, como instituição formadora e propagadora de conhecimento não poderia ficar de fora das utilidades que esse aparato pode proporcionar, principalmente nas aulas de literatura, pois a utilização desta ferramenta abre um leque de possibilidades no modo de se trabalhar o texto literário. O principal objetivo dessa pesquisa é discutir a abordagem didática do texto literário, tendo como apoio pedagógico o uso do "cinema". mais especificamente, pretendemos discutir a possibilidade de trabalhar conteúdos literários de forma leve e atrativa. Para tanto, o estudo se configura como uma pesquisa qualitativa-bibliográfica e está fundamentado em vários autores como: Ismail Xavier (2008), Moura (2007), Silva (2008), Freire (1996), entre outros. A pesquisa nos permite observar como é rico aliar esse meio tecnológico ao contexto de uma aula literária, pois através dela são instigadas certas habilidades do aluno, como o raciocínio lógico e a forma de se posicionar diante de perspectivas distintas.

Palavras-chave: Tecnologias digitais. Cinema. Ensino Literário. Prática Docente.

RESUMEN

La revolución industrial trajo grandes innovaciones tecnológicas en el propio sector industrial, en el ámbito científico y educativo. Este período provocó cambios significativos en el proceso productivo y las relaciones trabajo. Así, tales medios tecnológicos aseguraron espacio y utilidad en casi todos los ámbitos de la vida humana, permitiendo a la sociedad desarrollar rápidamente sus actividades. Por tanto, fueron estos eventos los que impulsaron la creación de nuevas herramientas pedagógicas en el ámbito escolar, ampliando así las posibilidades de enseñanza. El cine fue una de esas innovaciones que tuvo un impacto directo en la forma de vida de las personas, siendo una herramienta de entretenimiento y conocimiento. La escuela, como institución que forma y difunde conocimientos, no podía quedar fuera de los usos que este aparato puede brindar, principalmente en las clases de literatura, ya que el uso de esta herramienta abre una gama de posibilidades en la forma de trabajar el texto literario. El principal objetivo de esta investigación es discutir el enfoque didáctico del texto literario, teniendo como soporte pedagógico el uso del 'cine'. Más concretamente, pretendemos discutir la posibilidad de trabajar con contenidos literarios de forma ligera y atractiva. Por tanto, el estudio se configura como una investigación cualitativo-bibliográfica y se basa en varios autores como: Ismail Xavier (2008), Moura (2007), Silva (2008), Freire (1996), entre otros. La investigación nos permite ver lo rico que es combinar este medio tecnológico con el contexto de una clase literaria, porque a través de él se instigan ciertas habilidades del alumno, como el razonamiento lógico y la forma de posicionarse frente a diferentes perspectivas.

Palabras clave: Tecnologías digitales. Cine. Docencia literaria. Práctica docente.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	CINEMA E LITERATURA: DUAS ARTES TRABALHANDO JUNTAS NA CONSTRUÇÃO DO ENSINO LITERÁRIO	12
2.1	Surgimento da literatura: um percurso histórico	17
2.2	Formação do indivíduo através da leitura literária	23
3.	<i>O CINEMA, A LINGUAGEM E ALGUMAS REFLEXÕES</i>	29
3.1	A linguagem e algumas reflexões.....	32
3.2	A linguagem cinematográfica	36
4	A PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS LITERÁRIAS	39
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	43
6	RESULTADOS E DISCUSSÕES	46
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS	56
	APÊNDICE – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	60

1 INTRODUÇÃO

O avanço tecnológico trouxe para a sociedade contemporânea uma gama de ferramentas tecnológicas objetivando transformar a vida do homem moderno de forma ágil e prática. Sendo assim, o desenvolvimento de tais aparelhos revolucionou o cotidiano das pessoas pelos seus efetivos atingimentos e encantamentos propiciados por essas ferramentas, pois o acesso rápido e fácil às informações e conhecimentos acarretou avanços visíveis na sociedade.

Estamos inseridos nesta sociedade tecnológica que evolui a cada dia expandido suas fronteiras do saber. Cabe ao profissional da educação um olhar mais amplo no processo de ensino aprendizagem, buscando inserir tais meios tecnológicos como: cinema, televisão, computadores entre outros em sala de aula, visando, assim, alargar o leque de contato de seus alunos com os mais variados veículos de comunicação. Segundo Freire (2006), não basta apenas ler a palavra e o mundo, mas também escrever o mundo em busca de sua transformação. Logo, para isso se efetivar, o professor tem que pesquisar por diferentes estratégias de ensino procurando sempre aperfeiçoar sua prática pedagógica.

A escola tem a função de formar e preparar o indivíduo para o convívio social. Cabe ao seu corpo docente desenvolver novas práticas de multiletramentos incorporando esses novos gêneros multimidiáticos em suas aulas. Dado que ainda na atualidade o espaço escolar ainda se utiliza de concepções clássicas de ensino, onde o único suporte didático é o “livro” deixando, assim, o conteúdo trabalhado enfadonho e pouco efetivo.

Uma das aulas que sofre com essa prática tradicional de ensino são as aulas de literatura em que os conteúdos trabalhados são apenas pelo livro didático, se resumindo em apenas análise de fragmentos, resoluções de questões de ordem aleatória, ocasionando, assim, a falta de interesse e participação dos discentes devido à forma como são trabalhados esses textos.

Outrossim, causando a improdutividade e desmotivação dos mesmos devido a esta supremacia de ensino, onde o professor fica aprisionado em uma única concepção didática e deixa de procurar novas estratégias pedagógicas. Diante disso, se faz necessário a busca por diferentes metodologias de ensino que visem aprimorar a prática pedagógica e tornar o aprendizado mais significativo.

O principal objetivo dessa pesquisa é discutir a abordagem didática do texto literário, tendo como apoio pedagógico o uso do “cinema”, analisando a forma de ministrar conteúdos literários de forma leve e atrativa. Acreditamos que o uso deste gênero audiovisual é de suma relevância, pois a utilização dele vai abarcar tanto a linguagem verbal como também a visual, além de tratar de forma lúdica e crítica obras de grande sucesso no mundo literário.

Com este estudo pretendemos mostrar que o uso de filmes é uma alternativa viável para alcançar resultados satisfatórios nas aulas de literatura. Uma vez que ele tende a instigar a curiosidade e o interesse do aluno e assim facilitar a mediação do conteúdo. Para isto, partimos das seguintes questões-problemas: O uso de filmes pode auxiliar de forma significativa no processo de ensino aprendizagem de conteúdo literário? De que forma essa ferramenta contribui para o saber fazer sentido? Questionamentos esse que pretendemos ser respondidos ao decorrer deste estudo.

A vista disso, este estudo discute as possibilidades de se aprimorar as metodologias de ensino usadas nas aulas de literatura, ao buscar meios que facilitem o aprendizado do aluno e acompanhem a sociedade na qual ele está inserido. Logo, a escolha desta ferramenta se deu devido às diferentes representações de informações surgidas através da tecnologia. O trabalho apresentado busca no recurso multimídia formas de promover aspectos ligados à leitura através da cinematografia, fomentando a questão: Será possível incentivar o discente a criar hábitos de leitura utilizando o recurso multimídia “cinema” e sua relação com a leitura em contexto escolar?

Lembrando que esse recurso visa viabilizar novas formas do discente lidar com o mundo, uma vez que a tecnologia avança a passos largos e o uso da cinematografia em espaço escolar desenvolve múltiplos reflexos na cognição e nas relações humanas. Se tornado, assim, uma alternativa viável a desenvolver temática de cunho literário e otimizar as relações com a leitura.

Nesta perspectiva, o presente trabalho monográfico está dividido em 5 capítulos. No primeiro discuto como o cinema pode ser trabalhado nas aulas de literatura e tornar as aulas mais significativas. No segundo, apresento o objeto de estudo " Cinema" e suas respectivas linguagens. Mais adiante, no capítulo três, discuto sobre a prática docente nas aulas de literatura e como eles podem ter impactos negativos ou positivos de acordo com metodologia usada. No quarto discuto os procedimentos metodológicos usados para enfatizar este estudo e no último são os resultados e discussões acerca da pesquisa em campo realizada com um pequeno grupo de docentes. Por fim, teço as minhas considerações finais sobre o estudo.

2 O CINEMA E LITERATURA: DUAS ARTES TRABALHANDO JUNTAS NA CONSTRUÇÃO DO ENSINO LITERÁRIO

Um questionamento recorrente sobre a literatura é: Qual o motivo do ensino da literatura não ser devidamente apreciado, principalmente entre os jovens. Com base nesse questionamento, vale destacar que o avanço da globalização no mundo contribui de forma exacerbada para o desenvolvimento de mais aparelhos tecnológicos na sociedade. Dessa forma, há o aumento da desvalorização da arte e conseqüentemente do ensino da literatura. Tal fator gera um desafio constante para os docentes, pois precisam se dedicar a uma busca incansável por meios que incentivem os discentes no processo de aprendizado.

Ademais, a literatura é uma disciplina que exige um pouco de concentração no decorrer da leitura, de forma que os alunos tendem a perder o foco no processo de compreensão dos conteúdos. Além disso, os métodos tradicionais adotados por professores, em sala de aula, costumam ser pouco atrativos para esse público, visto que a falta o uso de algumas ferramentas tecnológicas em sala como: Datashow, computadores, TV e aparelho de DVD; meios esses que os impulsionam na busca por aprender mais sobre essa disciplina e estimulam o interesse dos estudantes.

A formação tradicional dos profissionais, que segue uma concepção estática do processo de ensino-aprendizagem, trouxe como corolário a existência de uma metodologia de ensino universal que é comum a todas as épocas e a toda sociedade. A busca por metodologias atrativas aos alunos é uma questão bastante discutida no âmbito educacional.

Outro ponto relevante nessa temática é que diversos pesquisadores colocaram em pauta a questão do desenvolvimento de novas metodologias para o ensino da literatura em sala, objetivando aumentar o interesse dos alunos pelas aulas. Uma delas é o uso do cinema como recurso paradidático visto que este é uma ferramenta de fácil acesso e faz parte do cotidiano dos alunos desde cedo, a fim de servir como alternativa para superar o ensino tradicional tão presente nas aulas dos diversos componentes. Além disso, esta ferramenta possibilita a ampliação de estudos em espaços formais e informais

do cotidiano do indivíduo, e por meio disso contribuirá para ampliar sua visão de mundo.

Segundo Stam e Moura (2007), a literatura e o cinema constituem uma nova abordagem de ensino da literatura, contribuindo para construção de saberes no campo educacional. Tem-se observado nos educadores um reforço para as novas tendências contemporâneas de aprendizado sistematizado e ensino interdisciplinar, abrindo novos horizontes para as futuras produções literárias que conversem com os outros campos do conhecimento, como: linguístico, filosóficos, sociológicos e, desta maneira, contribuir para deixar as aulas mais ricas e prazerosas para os envolvidos no processo.

A literatura tem motivado e servido de inspiração para muitas obras cinematográficas, levando para as grandes telas enredos de livros ou contos do mundo literário. No que diz respeito ao aprendizado sistematizado, aliar essas produções ao contexto de uma sala de aula pode ser uma grande “ferramenta pedagógica” no processo de aquisição de conhecimentos.

Vale ressaltar que o uso de filmes como aliados nas aulas de literatura possibilita uma aprendizagem mais dinâmica e lúdica para o público jovem, que geralmente passa horas em sala de aula lendo e interpretando conteúdos de outras disciplinas e ao chegar às aulas de literatura já estão desgastados mentalmente. Sendo assim, ao proporcionar uma sessão de cinema para estes estudantes haveria um maior interesse até mesmo dos que não se envolvem com as aulas. De acordo com o site educacional “Brasil Escola” uns dos fatores que influenciam o desinteresse dos discentes é o fato de que estes livros de teor conteudista exigem um olhar mais preciso e aprofundado no que o autor quer transmitir”. De acordo com Ismail Xavier, em uma entrevista para a revista Cinema e Educação (2008, p.15):

De um lado, o cinema incorpora aquela dimensão formadora própria às várias formas de arte que cumprem um papel decisivo de educação (informal e cotidiana); de outro, ele pode se inscrever de forma mais sistemática no processo educativo, com interação direta com a fala do professor, seja pela produção daquela modalidade especial a que se deu o nome de "filme educativo". [...] Para mim, o cinema que "educa" é o cinema que faz pensar, não só o cinema, mas as mais variadas experiências e questões que coloca em foco. Ou seja, a questão não é "passar conteúdos", mas provocar a reflexão, questionar, o que sendo um constructo que tem história, é tomado como natureza, dado inquestionável.

Partindo dessa linha de raciocínio, para Ismail Xavier (2008) o leitor deve ficar atento quando está diante de uma produção adaptada de algum livro, pois possuem mudanças significativas de sua obra original. No entanto, as adaptações são necessárias para que os diretores transformem uma obra literária, sendo ela contos, biografias, livros clássicos em filmes. Um exemplo disso são as produções cinematográficas baseadas em obras como: Cinderela, Chapeuzinho vermelho, Dom Quixote, entre outras várias obras que são de grande sucesso no mundo literário e foram adaptadas para o fílmico. Portanto, um filme baseado em uma história literária passa por várias etapas de produção até que chegue às telas de cinema, de forma que não se mantém fiel à obra original da qual foi produzida. Com base nisso, Moura (2007 p.07) afirma que ao falarmos em adaptação cinematográfica de obras literárias, é importante termos clara a noção de que não há nenhuma obra de arte que surge a serviço da outra.

Como citado pelo autor, o leitor, ao compartilhar visões preconceituosas sobre algum tipo de produção baseada em livros ou contos está contribuindo para a sua desvalorização e prejudicando a liberdade de compreensão de outros leitores, pois uma obra literária pode ser interpretada de diversas formas e pode servir como fonte de inspiração para outras releituras e adaptações.

O cinema é a forma mais simples e interessante de se trabalhar a literatura, visto que é uma ferramenta que exhibe um alto teor de concepções argumentativas. Ademais, é onde de fato que os personagens ganham vida com o uso de vozes, sons e gesto e seus cenários ganham formas e cores, de modo que saem dos livros para o fílmico e dessa maneira são transformados em grandes produções que atraem um grande quantitativo de pessoas para as salas de cinema e conseqüentemente lotam as bilheterias.

Um exemplo são filmes da Walt Disney, que em sua grande maioria são fundamentados em gêneros literários. Sendo assim, associando o livro ao cinema a fim de abordar estas temáticas literárias como forma de propiciar enriquecimento educacional crítico e reflexivo, tem se tornado uma proposta metodológica bastante interessante, dado que, ao aproveitar determinada cena de um filme e compará-la com a parte do livro ou conto do qual foi produzido,

há o estímulo ao raciocínio lógico do aluno, gerando discussões em que ele necessite confrontar seu conhecimento prévio com o que está sendo abordado na sala de aula, sendo instigada nesse aluno a capacidade de pensar criticamente sobre duas perspectivas e conseqüentemente ampliar suas visões de mundo e conhecimento crítico sobre a obra que está sendo discutida, a fim de que sejam capazes de atuar no mundo pós-moderno de forma crítica e criativa.

Vale pontuar que não basta apenas levar essa proposta para a sala de aula sem antes pensar em uma metodologia adequada na qual os alunos possam compreender o motivo e a importância do que estão assistindo e discutido. Cabe ao docente tomar alguns cuidados na elaboração e aplicação deste tipo de atividade uma vez que essas duas ferramentas (livros e filmes) devem ser coerentes conforme a sua realização e aplicação.

Por conseguinte, cabe à escola, como instituição propagadora e formadora de conhecimento, a responsabilidade com a formação profissional e intelectual daqueles que a procuram, sendo necessário fornecer os requisitos básicos para o convívio e manuseio com a infinidade de informações e ferramentas que eles terão acesso cotidianamente. Por meio disto, é notório que há uma necessidade de inclusão e desenvolvimento do acesso às várias formas de linguagens existentes na sociedade, sendo uma forma de garantir a ampliação e aperfeiçoamento de seus conhecimentos de mundo. Cabendo a ela promover um multiletramento dos seus educandos a fim de propiciar a eles uma formação mais crítica.

Ademais, o uso desses meios pedagógicos é uma maneira para que eles exerçam sua autonomia dentro e fora das salas de aula, com os mais variados recursos garantidos, pois a utilização de diferentes ferramentas permite que o aluno adquira novas habilidades e outras formas de se posicionar diante de diversas questões socioculturais.

A utilização desse recurso só contribuirá para melhoria do ensino se feita com critérios que incorporem significativamente no âmbito da sala de aula, pois sua simples presença não garante a melhoria da qualidade do ensino, visto que ampliar o espaço para diversas interpretações e se feita sem critérios de orientação não contribuirá para a aprendizagem de forma significativa (Silva 2008, p 14).

De acordo com o autor, é dever de o docente mostrar os caminhos que seus educandos devem escolher, a fim de que eles possam ter um ensino significativo e ir além das entrelinhas dos textos presentes nos livros. Então, ao fazer uso deste recurso pedagógico “cinema” em sala de forma clara e coerente, aumentará a linha de raciocínio dos envolvidos facilitando o processo de ensino e aprendizagem. Esse fator visa propiciar seu crescimento profissional, como também o conhecimento de um novo repertório linguístico e discursivo, possibilitando a exposição do discente sobre duas perspectivas onde ele terá acesso a uma infinidade de informações diferentes. Em suma, o profissional da educação, ao utilizar esta ferramenta como apoio didático só estará agregando no desenvolvimento do aluno, pois o mesmo precisa estar apto a entender os diversos tipos de linguagens nas quais ele estará inserido no decorrer do tempo, pois a tecnologia está em constante evolução, crescendo e se propagando a todo o momento e a escola como instituição formadora não poderá deixar de incluí-la no seu âmbito educacional.

As relações ensino aprendizagem foram profundamente transformadas como surgimento das questões ligadas à tecnologias e a sua inserção na sala de aula, principalmente no que diz respeito ao cinema que representa uma tecnologia social e cultural que é produzida e produz significado (Silva 2008 p.14)

O cinema tem a habilidade de divertir, motivar e entreter o público que o assiste, possibilitando a demonstração de cenas das quais o leitor demoraria certo tempo para ler, visto que os arranjos audiovisuais e gestuais dentre os outros vários aspectos semióticos, envolvem e cativam os alunos; uma vez que estão presentes no cotidiano deles e contribuem de forma significativa na construção do seu próprio ponto de vista. Dessa maneira, é de extrema relevância usufruir de ferramentas que fazem parte do convívio do educando, para que através dela eles possam exercer sua capacidade avaliativa acerca de aspectos socioculturais.

Segundo Walter Salles Júnior, em uma entrevista para a Revista Época edição de 29/08/08, o papel principal do cinema é: “gerar uma memória de nós mesmos”, ou seja, refletir o retrato de uma sociedade em determinado momento. Vale recordar que essa arte está ligada aos modos de expressão

cultural de uma sociedade tecnológica e contemporânea. Portanto, o processo de leitura desenvolve-se além da escrita, uma vez que o método audiovisual se faz presente, contribuindo para a construção de outro ponto de vista. Ao fazer o uso dessas duas ferramentas tendo como método a leitura de um livro e a observação de um filme, há inúmeros benefícios para ambas as partes, tanto para o professor como também para o aluno, visto que ao utilizá-la como estratégia de retenção da atenção dos alunos possibilita deixar as aulas mais estimulantes e participativas neste processo de mediação do conhecimento.

Segundo Freire:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativa é propiciar as condições em que os educadores em suas relações uns com os outros e todas com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda em assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante; transformador, criador, realizador de sonhos (...). Assumir-se como sujeito porque é capaz de reconhecer-se como objeto (Freire, 1996 p.41).

Ou seja, de acordo com este renomado professor, o docente tem que primar por métodos em que o aluno seja peça central no processo de ensino aprendizagem, fazendo-o exercitar seu conhecimento adquiridos diante das novas tecnologias existentes. Pois, a educação vai muito além do que a mediação de conteúdo em sala, ela precisa formar cidadãos capazes de atuar no mundo tecnológico de maneira consciente.

2.1 Surgimento da literatura: um percurso histórico

Palavra originada do latim "LITTERA" que significa "letras" é possivelmente uma tradução do grego "grammatikki", ou seja, em latim literatura significa uma instrução ou conjunto de saberes e habilidades de escrever e ler bem. Desde os primórdios da sociedade ela sempre esteve ligada ao homem letrado e ao processo de ensino/aprendizagem. Esta está ligada à sociedade em que se origina de forma que cumpre o papel de transmitir os conhecimentos e a cultura de uma comunidade da qual se origina. Por meio disto, o artista não consegue ficar indiferente à realidade em que está inserido, visto que ele se utiliza dela para se expressar e transmitir seu ponto

de vista, diante de acontecimentos que afetam a sociedade de maneira geral. Além disso, contribui para desenvolver nos leitores a reflexão sobre a realidade social no qual ele habita, o incentivando a colaborar de forma significativa para a transformação do seu meio social. Segundo a especialista em língua portuguesa, Marina Cabral (2006), o texto literário conduz o leitor a mundos imaginários causando prazer aos sentidos e a sensibilidade do homem. Para Moreira:

(...) a literatura apresenta-se não só como veículo de manifestação de cultura, mas também de ideologias, pois foi e é usada para influenciar os paradigmas a serem seguidos em diferentes épocas. Pois, ao lidar com o processo de formação social do indivíduo propõe interpretações e essas estão ligadas à maneira como a sociedade se organiza. E, portanto, ligada ao pensamento difundido em cada período de estruturação e consolidação dominante (MOREIRA SILVA, 2008 p.23).

Porém, para muitos teóricos o termo literatura é quase indefinível por existir várias definições abrangentes acerca dessa palavra. Uma delas seria a arte de criar textos, de compor ou estudar escrito artístico, conjunto de produções literárias. Segundo E.IAÑES (1989), as primeiras manifestações literárias estão unidas a uma concepção artística ligada à educação dos povos. Tendo como base os textos escritos nas pirâmides (anteriores a 3000 a.C), que são os restos mais antigos ligados a preocupações de transmitir aos povos o sentido da vida ultraterrena . E.IAÑES afirma:

[...] caracterización la literatura, encerrada y constreñida tambien a lo tradicional, y cuya dificultad primera se halla ligada al desentrañamiento de la escritura en la que se expresa .A este respecto, existieron em Egitotres tipos de escrituras diferenciados, que dieron lugar a distintas obras literárias , determinadas tanto cronologicamente como por el nivel social desde el que escribia y al que se dirigia. (E.lañes, 1989, p.07)

Logo em seguida, a chamada literatura clássica teve suas primeiras aparições na Grécia com o descobrimento de produções culturais daqueles povos, sendo muito vinculadas às questões de música, do teatro e da dança. Lembrando que foi nesse período que todas as artes eram misturadas e sem divisão. A literatura na Grécia antiga trabalhava com o conceito básico de

mimese: uma ideia de representação de algo que já existia, de forma que toda arte era a representação de algo que já existia, visto que se pode destituir em quatro períodos de conjunto sobre a literatura grega que abrange um total de quinze séculos:

- Período primitivo (século X-VII a.C) compreender a época dos épicos Homero, poemas de Hesíodo e o lirismo
- Período ático (século V) e o Alejandro (século IV). Nascendo o teatro e a filosofia.
- Período Alejandrino (Século III y II a.C) A cidade Alejandrina vem a ser o centro do helenismo
- Período Romano (Século I a.C-Século V d.C) Grecia, submetida a Roma, se ver condenada à decadência.

As primeiras obras da história que se tem informações são dois poemas épicos atribuídos a Homero, Ilíada e Odisseia que narram às aventuras do herói Ulisses e a guerra de Tróia na Grécia antiga. Além disso, ainda na tradição épica, situa-se a poesia didática de Hesíodo (c.700 a .C) que abordou temas diferentes do antecessor Homero, como na Teogonia, que narra a genealogia dos deuses e dos mitos associados à criação do universo, valendo-se da influência mitológica do Oriente Médio.

As primeiras obras destinadas para o público infanto-juvenil só foram pensadas no século XVIII, servindo como literatura formadora de consciência. Nesse sentido, BETTEHEIM (2000) observou que essas obras poderiam enriquecer e ampliar a linha de raciocínio da criança, estimulando-a a pensar mais criteriosamente nas situações cotidianas que elas vão vivenciando ao longo da sua existência. Pois, por meio dessas histórias são respondidas questões nas quais elas não saberiam lidar, tais como: intensos conflitos que surgem durante a infância que será solucionada ou não durante essa fase. Segundo Silva:

(...) A literatura apresenta-se não só como veículo de manifestações de cultura, mas também de ideologias, pois foi usada para influenciar os paradigmas a serem seguidos em diferentes épocas, pois ao lidar com o processo de formação social do indivíduo, propõe interpretações e essas estão sempre ligadas a maneira como sociedade se organiza (...) (Silva 2008 p.23)

A literatura destinada ao público infanto-juvenil tem uma importante função social porque através dela a criança começa a aflorar emoções importantes para seu desenvolvimento cognitivo, o estimulando a desvendar às inquietações as quais a afligem. No entanto, não se sabe ao certo quando se começou a escrever a literatura infantil propriamente dita, ou quando se começou a pensar em escrever literatura apropriada para esse público. Segundo Nazira Salem:

“antes de mesmo de serem escritas passaram de geração a geração, pela tradição oral através de jograis, que pelos contadores de histórias ou simplesmente pela necessidades de comunicação que existe entre os seres humanos”. (Salem 1960 pág. 19)

Como vemos a literatura infantil destinada para crianças sempre existiu, mas de forma indireta, posto que esses contos fossem designados para adultos por ter um vocabulário mais forte e melancólico, causando medo e tristeza no público que o lia. Porém, com a evolução dos tempos, estes contos foram sendo adaptados e aperfeiçoados para o público infantil, levando-se em consideração os aspectos de sua evolução mental e emocional para que o mesmo se sinta confortável e apto a entender o contexto daquela história.

Em conformidade a essas ideias foram surgindo diversa teoria em torno da chamada literatura infantil, algumas defendendo a ideia que esses contos ajudariam na formação do indivíduo perante a sociedade. Além disso, uma delas foi proposta pelo educador inglês Richard Mulcaster que defendia a ideia que o conhecimento nos livros era importante para saúde mental e física do corpo, que ambas ao trabalharem juntas proporcionam um equilíbrio. Logo adiante, no século XVII, essas teorias foram evoluindo e dando espaço para novos escritores e teses, como Comenius que defendia a ideia de que:

Nenhum conhecimento podia ser dado senão pelo sentido que devia partir do simples para complexos (indução) e que em vez de livros mortos, era preferível ensinar no livro vivo da natureza (Comenius 1592-1670).

Nesse sentido, os livros apresentavam situações vivenciadas pelos personagens e a criança se identificava com tais conflitos e por meio deles elas

conseguiriam desenvolver seus próprios pensamentos e ideias, a fim de não permanecerem fixados a frases e opiniões de autores e sim formular seus próprios argumentos. Logo adiante, outros educadores procuraram demonstrar que o conhecimento se processava através dos sentidos. Um deles foi o filósofo e educador inglês Locke que defendia os principais aspectos da educação: físico, moral e intelectual e o objetivo principal dela deveria ser a formação do caráter do indivíduo perante a sociedade.

No século XX a literatura baseada em contos infantis ainda era vista como forma de entretenimento ou algo pueril, pois os adultos daquela época não acreditavam que a leitura dessas obras fosse necessária para o desenvolvimento dos seus filhos.

Graças aos estudos do historiador Froon, mudou-se o percurso desse pensamento e assim foi mostrado em suas pesquisas que para se ter bons leitores é necessário que eles leiam esses contos que abordam a temática de problemas universais, existenciais típicas das crianças e questões próprias dos seres humanos como: medo, sentimentos de inveja, de carinho, curiosidade, dor, perdas entre outros dilemas. Sendo assim, são elas que servem de estímulos para que o indivíduo exercite sua capacidade de ser pensante e atuante em sociedade.

Os primeiros autores que destinaram suas obras para o público infantil foram o francês Jean De La Fontaine com suas fábulas: A lebre e a tartaruga, O Leão e o prato, o Lobo e o cordeiro, a Cigarra e a formiga entre outros, e o também francês Charles Perrault e seus contos de chapeuzinho vermelho, Cinderela dentre outros, que abordam temáticas de teor educativo, incitando na criança a capacidade de refletir e se questionar sobre as situações que as personagens passam e assim aprender com elas tais ensinamentos transmitidos de forma lúdica.

Então, com o passar do tempo a literatura infanto-juvenil foi se desenvolvendo e ganhando seu espaço merecido, alcançado seus status no campo literário e educacional. Assim, outros escritores desenvolveram interesse por esta área do campo literário e propagaram ainda mais este gênero. Autores como Hans Christian Andersen, os irmãos Grimm e Monteiro Lobato desenvolveram vários livros abordando temáticas infantis e com isto

foram se consagrando pelas suas produções. Porém, os contos infantis neste tempo eram comercializados e vendidos como mercadoria para as classes nobres, visto que quem só tinha acesso a essas histórias eram os filhos de pessoas com elevado capital financeiros. Mais tarde, devido ao crescente progresso da sociedade e os vários meios de fabricação, abriram espaço para a produção em série de livros e assim facilitando a distribuição dessa ferramenta pedagógica em sala de aula.

No entanto, para a criança ter acesso a estes livros ela precisaria saber ler e escrever de forma que estaria apta a compreender o enredo contido nestes materiais. Logo, cabia à escola o processo de alfabetização desses indivíduos. Segundo Lajolo e Zilberman (2002, p.25) a escola passa a habilitar as crianças para o consumo das obras impressas, servindo como intermediária entre a criança e a sociedade.

Portanto, a escola e seus respectivos professores exerciam e exercem uma função muito importante para a sociedade levando o conhecimento necessário para aqueles que a frequentam para assim se tornarem sujeitos atuantes. Dessa forma, cabia a esta instituição ampliar o conhecimento de seus educandos, mostrando os caminhos aos quais ela deve percorrer para conseguir ter uma boa formação. Ademais, o papel destas instituições é formar jovens aptos a desenvolver seus próprios argumentos, ideias e opiniões. Segundo o blog educacional “Plataforma Eleva” (2020) :

Um bom ambiente escolar tem a função social de desenvolver o pensamento crítico do aluno. De fazê-lo pensar fora da caixa e reconhecer que em várias situações cotidianas não existem somente o “certo e o errado”. Assim, o estudante se torna ativo frente a sociedade e não passivo. Ou seja: ele deixa de ser um robô para assumir a posição de um indivíduo questionador que não leva qualquer coisa para casa.

A escola não deveria ser um espaço de transmissão de conteúdos padronizados. A sua função é sim, a de formar cidadãos autônomos que saibam se posicionar diante das inquietações que vão vivenciar em seu meio social. Estas instituições educadoras têm por obrigação exercitar esses dilemas que podem ser desenvolvidos por meio de rodas de discussões, debates, diálogos e questionamentos feitos em sala. Ademais, eles precisam saber e

entender desde cedo suas responsabilidades, direitos e deveres na sociedade para que através deles possam usufruir com autonomia, sabendo se posicionar em meio a assuntos ideológicos, políticos e sociais. Segundo Oliveira:

É utopia que todos os problemas sociais se resolvem pela educação, mas é certo que ela representa uma condição indispensável para resolvê-los. A educação é um fato social que, a princípio, tem por função socializar, integrar gerações imaturas na sociedade e desenvolver a sociedade em geral e os indivíduos em particular. Tem, pois, as funções de ajustamento e desenvolvimento social. Mas, além dessas funções, a educação, especialmente a sistemática, exerce (entre outras), as seguintes funções: a) Controle social (influencia o comportamento humano); b) Estabilidade social (torna o indivíduo eficiente). (OLIVEIRA, 1993, p.16)

2.2 Formação do indivíduo através da leitura literária

Com o advento da revolução industrial os meios tecnológicos desencadearam um novo estilo de vida para a humanidade. Com isso, o hábito de ler deixou de ser uma realidade entre os jovens, pois algo que deveria ser uns dos prazeres mais belos e de enriquecimento intelectual do ser humano é uma realidade que não observamos atualmente no mundo moderno.

Ler é agradável e prazeroso, tendo em vista que esse ato nos dá o poder de nos transformar em uma pessoa cada vez mais letrada, capaz de entender sobre diversos assuntos. Em termos educacionais, a leitura é primordial para a formação do homem letrado uma vez que através dela o outro pode partilhar seus pensamentos, aprimorar o seu senso crítico, intelectual e ético. Ademais, a leitura literária nos transporta para outros tempos, lugares antes não conhecidos, possibilitando o indivíduo a aprender sobre outras culturas, palavras e sentimentos que foram depositados naquela obra. Além do mais, o livro é o principal passaporte para essas aventuras que nos aproxima da contemporaneidade. Para Zilberman:

O texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e incorpora a novas experiências (...) o texto artístico talvez não ensine nada, nem se prenda a isso, mas seu consumo induz a algumas práticas socializantes que estimulam, mostram-se democrática, porque igualitária. Sendo assim, nos fazendo refletir determinados assuntos, nos colocando em outros momentos que outras pessoas já estiveram. Zilberman (1990, p.19)

De acordo com esse pensamento, o texto literário possibilita ao leitor várias contribuições que vão lhe agregar tanto na sua formação intelectual como também profissional. Além de levá-lo a momentos de reflexões no decorrer da leitura, permitindo que ele fantasie e imagine situações as quais os personagens vivenciam. Outrossim, em várias outras circunstâncias a leitura literária faz com que abstraíamos tudo de maneira leve das nossas vidas, demonstrando, através da escrita, emoções reprimidas, desejos ocultos, sonhos. Zilberman afirma que:

A literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastando no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em que ler (Zilberman, 1990, p19).

Entretanto, ao perder o gosto por esse hábito as pessoas deixam de usufruir de grandes obras e consagrados escritores, que depositaram nos seus livros histórias as quais podem ajudá-los no convívio em sociedade. Dado que tornando a leitura um costume o indivíduo está desenvolvendo a capacidade de pensar criticamente, nos seus posicionamentos diante de assuntos socioculturais, além de aumentar seu repertório de conhecimento. Antônio Candido postula que a literatura não corrompe nem edifica, mas humaniza em sentido profundo porque faz viver.

A literatura pode formar, mas não segundo a pedagogia oficial (...) ela age como o impacto indiscriminado da própria vida e educa com ela. Dado que a literatura na medida em que atua com toda a sua gama é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E na sociedade não pode senão escolher o que cada momento lhe parece adaptado aos seus devidos fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do indivíduo trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir (...) é um dos meios porque o jovem entra em contato com a realidade (Candido 1999, pág.83).

Sendo assim, a literatura é o resumo do que é real, pois nela estão expostos os sentimentos humanos e as várias formas de relações humanas, com aquilo que o autor sente. Ou seja, ler é tornar consciência do que somos

vistos que quando lemos entramos em contatos com vários pensamentos que muda nosso jeito de pensar, agir e se posicionar. Isto significa analisar o mundo de uma forma mais distinta, libertando o homem da ignorância e o fazendo enxergar a humanidade com mais empatia. Além do mais, a linguagem que encontramos na leitura literária nos garante um imenso repertório linguístico que antes permanecia desconhecido para o leitor.

A leitura corresponde a uma importante etapa no processo do ser humano, pois ao praticar o sujeito eleva o nível do vocabulário com seu vasto repertório de palavras como também aperfeiçoar o raciocínio lógico na interpretação de texto. Desenvolver o gosto pela leitura deve ser uma tarefa estimulada na infância onde as habilidades cognitivas ainda estão em desenvolvimento, pois partindo dos anos iniciais, etapa em que as crianças terão o primeiro contato com a leitura literária através dos famosos contos infantis, irão perceber que ler é algo imprescindível, além de ser algo prazeroso e importante para o processo de aquisição da linguagem verbal e escrita. Assim sendo, o processo de leitura deve ser desenvolvido em casa com os pais e estimulado e aperfeiçoado na escola, abrindo o leque de possibilidades e escolha pelas obras e autores que mais lhes interessam.

A criança que faz uso frequente da leitura terá grandes benefícios tais como: seu vocabulário ficará mais rico em palavras e expressões, apresentará uma enorme facilidade em interpretar textos, capacidade de se expressar e formular seus argumentos. Em suma, só através da leitura o indivíduo terá embasamento teórico necessário para qualquer atividade como também saberá construir opiniões próprias diante do conhecimento adquirido através dela.

Quando lemos junto com uma criança estamos despertando nela a curiosidade de conhecer novas histórias e livros com os quais ela irá se identificar. Além disso, uma leitura prazerosa desenvolve a linguagem através da fala do personagem, a imaginação ao pensar na fisionomia do protagonista e no cenário descrito no livro. Então, ao tornar o costume de ler algo instigante e diário, estamos contribuindo para a formação de uma sociedade letrada e de possíveis autores/escritores.

Como podemos constatar, a prática da leitura literária agrega inúmeros benefícios. Poderá ajudar o estudante no decorrer da sua vida acadêmica, visto

que ele estará em contato constante com vários tipos de leitura de teor sociológico, científico, filosófico e linguístico. Logo, um desses privilégios desencadeados pelo hábito de ler seria o exercício de fixação de conteúdo, pois grande parte dos assuntos ministrados em sala é teórica além de a sua linguagem ser mais científica. Então, a prática constantemente desta competência favorece de maneira mais rápida a assimilação do que foi estudado facilitando o processo de compreensão daquele conteúdo, pois o raciocínio lógico do leitor estará mais aguçado e desenvolvido.

Outro ponto relevante nesta temática é que a leitura é considerada algo muito amplo, não podendo apenas ficar restrita ao simples ato de interpretação de signos alfabéticos. A leitura é algo que vai muito, além disso, ou seja, através dela estamos adentrando nas vivências de cada escritor. Por meio de livros, jornais, revistas entre outros meios nas quais eles fazem suas análises e assim despertam o conhecimento para a compreensão de mundo no qual o sujeito está inserido. Deste modo, quanto mais o indivíduo consome livros, jornais, revistas, mas ele estará introduzido no seu meio. Segundo Bloom:

A leitura está desaparecendo lenta e decidida dos nossos hábitos e do elenco dos nossos prazeres. Não a leitura de manuais de autoajuda, de informações rápidas e digeríveis e dos mais variados kits de misticismo planificado. Para comprovar este fato basta verificar a maioria das listas dos mais lidos. A leitura que está morrendo é a da grande literatura, o produto mais rico momento de imaginação e criatividade humana. Uma certa melancolia é inevitável diante deste quadro. Sobretudo quando se considera o poder da literatura de tornar a vida mais significativa e possibilitar o acesso a uma dimensão mais profunda da existência na qual podemos partilhar através do sublime e do belo da unidade da natureza humana” (Bloom 2001, pag. 65)

Discordo de Bloom, em parte, pois nunca estivemos lendo tanto como nessa atual conjuntura histórica, onde o poderio da revolução tecnológica adentrou a nossa vida pública e privada, de tal forma que precisamos rever e/ou selecionar o que devemos ler. Pois se lê de tudo pela tela de celulares, computadores, tablets, ebook, etc. Sob esse viés, o advento da era tecnológica possibilitou a transformação no hábito de vida das pessoas, deixando o hábito de ler obras literárias cada vez mais raras na sociedade, posto que a prática de sala de aula de letramento literário ainda permanece

obsoleta e engessada, levando o leitor apenas a ficar submetido a uma prática recorrente de analisar e responder questões.

Desse modo, cabe ao docente, principal mediador do conhecimento, estimular no aluno o prazer pela leitura literária através de obras as quais o aluno se identifique e possa se tornar um leitor ativo em sociedade. Pois só com a inovação de métodos mais atrativos para as aulas literárias, será possível reverter esse quadro, possibilitando ao jovem conhecer o mundo de informação que a leitura literária traz.

Em uma revista da Editora Abril (2009) foram elencados oito motivos para se apostar na leitura ativa. São eles:

- 1- **Desenvolver repertório:** ler é um ato valioso para nosso crescimento profissional”. Sendo assim, a leitura é muito importante para desenvolver o cérebro, pois a partir daí o indivíduo vai refletir mais, conseguindo criar uma linha de raciocínio lógico, para saber se expressar em meios às discussões complexas.
- 2- **Ampliar conhecimento de modo geral** - Além de ser envolvente, a leitura expande as referências e a capacidade de comunicação e assim o indivíduo vai adquirindo conhecimentos de várias áreas.
- 3- **Estimular a criatividade** – Ler é fundamental para soltar a imaginação. Por meio dos livros criamos lugares e personagens. Além disso, estamos estimulando a criação de novos escritores, a partir de livros lidos e análises feitas.
- 4- **Aumentar o vocabulário** – Graças aos livros descobrimos novas palavras e novos usos. Ampliamos o nosso vocabulário. A partir da leitura o indivíduo se depara com palavras que não conhecia e assim vai em busca do significado da expressão expandindo, assim, o seu vocabulário.
- 5- **Emocionar e causar impacto** – quem já se sentiu triste no fim de um romance sabe o poder que um bom livro tem. Além disso, o livro serve não só como fonte de conhecimento, cultura mas também como forma de entretenimento.
- 6- **Mudar sua vida** – Quem ler desde cedo está muito mais preparado para o estudo, para o trabalho e para a vida. O hábito da leitura é capaz de mudar

vidas pois transforma o cidadão em um ser pensante bem mais preparado para o trabalho, para os estudos e para a vida.

7- Ligar senso crítico na tomada – Os livros, inclusive os de romance, nos ajudam a entender o mundo e nós mesmos. Ao ter o costume de ler, nós conseguimos escolher argumentos, analisar qual é o objetivo daquele texto, do autor, o que ele está querendo nos passar através daquelas palavras.

8- Facilitar a escrita – Ler é um hábito que se reflete no domínio da escrita. Ou seja, quem lê mais escreve melhor, pois ao ler o indivíduo é capaz de organizar melhor suas ideias, como também as transmitir. Quem lê consegue observar mais perfeitamente o mundo a sua volta e, conseqüentemente, buscar respostas para suas dúvidas. O resultado do hábito da leitura é o conhecimento e através dele você se destaca e conhece outros mundos antes desconhecidos, pois os leitores ativos conseguem entender o poder que uma folha em branco pode lhe dar, porque o branco é uma janela para mundo de histórias e contos.

Segundo Henry Thoreau (1962), muitos homens iniciaram uma nova era na sua vida a partir da leitura de um livro. Sendo assim, a descoberta do livro é a passagem para um universo de informações, conhecimentos e aventuras.

3 CINEMA, LINGUAGENS E ALGUMAS REFLEXÕES

Considerado como sétima arte, o cinema pode ser definido como a arte de fixar imagens e reproduzi-las com impressão que suscitam movimentos. No entanto, segundo a etimologia, esta palavra seria a abreviação de “cinematográfico”. “Cine” vem do grego que seria movimento e “agrafo” significaria grava. De acordo com Costa:

No começo do século XX o cinema inaugurou uma era de predominância das imagens. Mas quando apareceu, por volta de 1895, não possuía um código próprio e estava misturado a outras formas culturais como os espetáculos de lanterna mágica, teatro popular, os cartuns, as revistas ilustradas e os cartões postais. (Costa 2006, pag.1)

Na antiguidade, “mesmo antes de existir o chamado “cinema”, o ser humano já se utilizava de suas habilidades para criar nas paredes de cavernas desenhos que exprimiam força, agilidade e movimentos. Imagens estas que contribuíram de forma significativa para as próximas inversões desenvolvidas com base nesses experimentos até chegar no que conhecemos hoje como cinema. Logo, ao analisar a arte rupestre, criada no período paleolítico, podemos constatar certa preocupação de fazer com que a imagem criada demonstre movimento para aqueles que enxergassem. Essas pinturas eram feitas no interior de cavernas, lugares estes considerados perigosos e sombrios, tendo em vista que a luz solar não alcançava seu interior tornando esses ambientes propícios à criação deste ofício. Assim sendo, era necessária a utilização de tochas de fogos para visualização e criação dos trabalhos desenvolvidos ou rituais praticados, que de certa forma causaram impacto e fascínio nos povos daquela época.

A princípio, a “invenção” da projeção de sombras na verdade é atribuído a países do oriente como China e Índia onde esta arte milenar do teatro das sombras é considerada um protótipo de cinema. Esta técnica consiste em projetar imagens por meio da luz em um anteparo. O filósofo grego Platão,

também com seus pensamentos, já tinha escrito sobre o mito da caverna. Mito este que alegava a existência de uma caverna onde seus prisioneiros viviam desde a infância acorrentados em uma parede no interior de uma caverna, não podendo se mexer e ver além daquilo que estava à sua frente.

Desse modo, eles apenas enxergavam sombras projetadas na parede situada à sua frente. Logo, essas aparições eram imagens de outras imagens que só apareciam com a luz de uma fogueira; ou seja, uma representação, um simulacro de algo que existia assim como acontece nos cinemas. Nesse sentido, podemos constatar que desde cedo já se tinha uma fascinação por imagens que demonstram de alguma forma movimento, transmitindo mensagem através dos seus gestos. De acordo com Paduim:

Para chegarmos ao que conhecemos atualmente como cinema, inúmeras investigações e descobertas foram feitas. Um dos homens mais conhecidos da história que preocupou-se com a projeção da luz na superfície trata-se do italiano, pertencente ao período do Renascimento, Leonardo da Vinci (1452-1519) (Paduim 2013 Pag.7).

Da Vinci descobriu o princípio da câmera escura, invento este capaz de projetar imagem em seu interior. A vista disso foi o ponto de partida para diversos artistas que se dedicaram a aperfeiçoar as ferramentas. No século XVII foi desenvolvida a lanterna mágica, parecida com a câmera de Da Vinci, só que esta era capaz de transmitir imagens através das suas lentes e da luz, desenhos pintados a mão em vidros. Existia um narrador que se encarregava de narrar as histórias para o público que assistia, se tornando, assim, a grande atração das feiras urbanas daquela época. No entanto, com o passar dos tempos, deu lugar a outros aparatos mais sofisticados.

Não existiu um único descobrimento do cinema e os aparatos que a invenção envolve não surgiram repentinamente num único lugar. Uma conjunção de circunstâncias técnicas aconteceu quando, no final do século XIX, vários inventores passaram a mostrar resultados de suas pesquisas na busca de projeção de imagens em movimento: o aperfeiçoamento nas técnicas fotográficas, a invenção do celuloide (primeiro suporte fotográfico flexível, que permitia a passagem por câmeras e projetores) a aplicação de técnicas de maior precisão na construção dos aparatos de projeção (Costa, 2011, p.17).

A fotografia, criada tempos depois, exerceu um papel bastante importante para a criação do cinema, pois só através dela foi possível fixar imagens no papel. Foi o Francês Joseph (1765-1833) que desenvolveu esta invenção. Porém, a imagem saía com pouca qualidade. Logo depois, o francês Louis Daguerre e Niépce se aliam e aperfeiçoam o invento, gerando uma ferramenta capaz de desempenhar essa função com mais facilidade. Para Costa:

O cinema tem sua origem, também, na prática de representação visual pictórica, tais como os panoramas e os dioramas, bem como nos “brinquedos ópticos” do séculos XIX como taumatrópio (1825), o fenaquistoscópio (1832) e o zootrópio (1833) “(Costa, 2006 Pág.3)

Só no século XIX, com a ajuda de pesquisas feitas por vários inventores e seus respectivos resultados de seus experimentos apresentados em feiras de ciências, resultou no aparecimento do cinematográfico, aparato esse desenvolvido pelos irmãos Lumiere. A invenção era capaz de gravar e projetar imagens de forma ágil e simples. A vista disso, o invento superou todos os outros, tornando-se o preferido daqueles que desejavam fazer uso desta atividade. Sua estreia aconteceu na França, no dia 28 de Dezembro de 1885, realizando a exibição do curta metragem de 1 minuto, onde apenas projetava a chegada de um trem na estação.

No entanto, o cinema naquela época era visto apenas como documentário, registrando através das suas lentes o cotidiano das pessoas, como hábitos, costumes das civilizações e paisagens, visto que alguns foram de fundamental importância para os estudos e pesquisas para entender o cotidiano das pessoas daquele tempo. Entretanto, no início todos achavam que o cinema tomaria o mesmo rumo da fotografia, sendo mais documental, ou seja, filmando coisas que já existiam. No entanto, a arte cinematográfica tomou outra trajetória, dando espaço para produzir filmes dos mais diversos gêneros, sendo as obras literárias um deles.

Georges Melies foi o primeiro a descobrir por acidente a possibilidade de fazer filmes com as películas já existentes. Milues escreveu, filmou, dirigiu e adotou e distribuiu seus mais de quinhentos filmes de diferentes gêneros (Duarte 2009).

As primeiras evoluções cinematográficas foram divididas em duas fases que são de fundamental importância para se entender o processo dos primeiros anos do cinema. Sendo elas a fase das atrações (1894-1907) tendo a ficção como base para estes filmes e a segunda foi a de transição (1907-1915). Nesta fase o enredo das obras cinematográficas passa a ser produzido por contos narrativos. Tornando uns dos espetáculos a atrair enorme quantitativo de telespectadores.

Uma das grandes empresas do ramo fílmico a adquirir espaço em todo o mundo, expandindo, assim, suas produções fílmicas nacionais e internacionalmente foram os estúdios de Hollywood, nascendo, a partir deles, os primeiros grandes estúdios e assim abrindo espaços para as mais diversas produções, como também para o surgimento de astros e estrelas. Um dos primeiros atores a se internalizar na mente do público foi o grande Charles Chaplin, precursor do cinema mudo. Ele mesmo produzia e dirigia seus filmes.

Chaplin atravessou gerações deixando sua marca nas grandes telas de cinema. Lembrando que os filmes daquela época não possuíam o som, eram apenas acompanhados de orquestras ou alguns ruídos. Mas ao chegar a ano 1927 o cineasta introduziu o som ao cinema. Para Martin:

Eisenstein defendia a ideia de que ' O 'som não foi introduzido no cinema mudo: saiu dele. Surgiu da necessidade que levou nosso cinema mudo a ultrapassar os limites da pura expressão plástica (Martin, 2003, p.111)

Em princípio, o som utilizado nos filmes passou a ser de fundamental importância, pois ao ser inserido nas suas cenas possibilitou a melhor compreensão e interação do público que assistia. Ademais, garantiu fascínio e admiração de seus telespectadores, com a transição do cinema sonoro para o falado onde os personagens de fato ganharam voz, foi marco inicial para que as indústrias cinematográficas se consagassem no mundo até os dias atuais.

3.1 A linguagem e algumas reflexões

A linguagem seria a capacidade do ser humano comunicar-se, expressar ideias ou sentimentos de alguma forma para o receptor que recebe, sendo ela através de gestos, sons, símbolos ou palavras. O uso da linguagem ocorre através do fruto da interação social. Ou seja, um indivíduo transmite a mensagem (emissor) e a outra recebe (receptor). De acordo com Santana:

A linguagem é a abstração mais pura que a natureza humana concebeu para exprimir seus sentimentos e comunicá-los de forma que estes sejam compreendidos, verbalizados ou não. Sentimentos internos, individuais ou coletivos podem fazer sentido para outrem; até mesmo as manifestações mais ímpares da natureza são possíveis de ser abstraídas e traduzidas pela linguagem. (Santana, 1993, pag. 01)

Sendo assim, a linguagem, como podemos constatar, representa uma parcela bastante importante na vida humana, pois através dela o ser humano pode interagir em sociedade através da comunicação utilizando sons e símbolos através dos quais possa ser compreendido uma vez que através dela o ser humano pode compartilhar de seus pensamentos com os demais. Ou seja, ele estará mais engajado socialmente em seu meio.

Na perspectiva Saussuriana, este fenômeno está ligado à teoria “estruturalista”. Para este autor, a língua não é apenas um amontoado de palavras, mas sim um processo estrutural onde a utilização e significados dos seus respectivos vocabulários definem-se em relações mútuas. Ou seja, organizados justamente pelo conjunto de regras que abrange a comunicação e interação entre os seres humanos.

A noção da língua com sistema havia muito que era admitida pelos que haviam recebido o ensinamento de Saussure, primeiro em gramática comparada, depois em linguística geral. Se se acrescentam estes dois outros princípios, igualmente saussurianos, de que a língua é a forma não substância, e de que as unidades da língua não podem definir-se a não ser pelas suas relações, indicam-se os fundamentos da doutrina que iria, alguns anos mais tarde, por em evidência a estrutura dos sistemas linguísticos (BENVENISTE, 1988, p.100).

Seguindo esse pressuposto, para Saussure a gramática objetivava regular a linguagem, estabelecendo padrões de escrita e fala para o usuário,

além de poder preservá-la e analisá-la em suas menores unidades e estruturas, permitindo seu bom funcionamento. Para Chomsky: A linguagem é um conjunto finito ou infinito de sentenças, cada uma finita em seu comprimento é constituída a partir de um conjunto finito de elementos (Noam Chomsky, 1997). Chomsky defende a ideia de que a linguagem evolui a cada dia, surgindo uma infinidade de palavras, expressões e símbolos a todo o momento. Modificando, assim, o vocabulário de uma determinada região ou comunidade que o falante frequenta. Ou seja, a língua é viva e com isso ela vai se alterando nas ruas, nas instituições de ensino, palestras, teatro, cinema dentre várias outras localidades que fazem uso da comunicação entre indivíduos.

As línguas são convencionais, isto é, surgem de condições geográficas, históricas, políticas, fatores culturais etc. Portanto, a linguagem pela qual nos comunicamos é fruto de evolução de longo tempo. Ou seja, ela não é algo iminente do ser humano, mas sim fruto de várias contribuições entre elas códigos e signos de nossos antepassados que nos foram transmitidas de geração em geração até o que conhecemos hoje.

Ademais, elas estão divididas em 3, sendo elas a linguagem verbal, pertencente ao ser humano pois é constituída a partir de palavras as quais podem ser pronunciadas pelo indivíduo, tendo em vista que foi uma habilidade que o homem adquiriu ao longo da história, e partindo dela podemos gerar ideias, despertar curiosidade e conflitos. A segunda seria a não verbal que não faz uso de palavras, ou seja, a mensagem é constituída a partir de imagens, gestos, cores, danças, desenhos, símbolos, mímicas entre outras formas de expressões com a intenção de comunicar. Já a terceira é a mista sendo a mistura das duas outras mencionadas anteriormente. Nesta a fala e o símbolo são usados na transmissão da mensagem para o receptor. Um exemplo a se mencionar seria a charge. Assim podemos classificá-la como qualquer sistema de sinais que se valem de indivíduos para se expressar, ou seja, onde há comunicação, há linguagem.

A linguagem é um método puramente humano e não instintivo de se comunicar ideias, emoções e desejos por meio de símbolos voluntariamente produzidos (Sapir, apud Lyons, 1987, p.6)

A linguagem é, portanto, um objeto biológico que se aperfeiçoa à medida que vai entrando em contato com os demais envolvidos no processo de interação. Portanto, quanto mais o homem sente necessidade de se expressar e interagir com o outro, mais ele vai criar novas possibilidades de se comunicar, objetivando assim adentrar nesse meio sendo eles, formal ou informal. De acordo com Koch (1996), um ato de linguagem não é apenas um ato de dizer e de querer dizer, mas, sobretudo, essencialmente um ato social pelo qual membros de uma comunidade interagem.

De acordo com Chomsky, a linguagem humana individual é internalizada na mente humana. Posto que ela seja fruto de vários processos comunicativos desenvolvidos na infância e aperfeiçoados ao longo da vida do falante, onde a criança nos seus primeiros passos de comunicabilidade, não precisaria saber todas as regras existentes na gramática, mas sim fazer uma seleção específica de um conjunto pré-determinado, com o intuito de se fazer compreender. Logo, ele usaria meios de expressões da sua própria gramática, caracterizada como gerativista.

Além disso, não podemos esquecer que sendo uma das primeiras formas de socialização para com o outro, a criança é peça fundamental nesse processo, pois desenvolvem essa habilidade ao escutar seus pais através de diálogos informais que acontecem cotidianamente. Desde cedo a criança é convidada a participar de maneira involuntária nessa interação, ou seja, os pais na tentativa exacerbada de arrancar as primeiras palavras do filho, objetivando escutar seus respectivos nomes reproduzido na fala do indivíduo, motivam a criança cotidianamente. De acordo com Borges e Salomão:

Através da linguagem a criança tem acesso, antes mesmo de aprender a falar, a valores, crenças, regras, adquirimos os conhecimentos de sua cultura. À medida que a criança se desenvolve, seu sistema sensorial-incluindo a visão e audição se torna mais refinado e ela alcança um nível linguístico e cognitivo elevado, enquanto seu campo de socialização se estende, principalmente quando ela entra para a escola e tem maior oportunidade de interagir " (Borges e Salomão, 2003 Pág. 327)

Como vemos, este momento de interação adulto/criança serve de alicerce para que ela conheça melhor o seu meio no qual está inserida, aprendendo através de seus pais valores éticos, crenças, religião e regras para convívio em sociedade. Quando seus tutores dizem não para determinadas coisas e sim para outras, a criança aprende a distinguir com essas palavras o que é certo ou errado. Neste sentido, ao pegar algo que não lhe pertence e sua mãe repreender seu ato, a criança aprende regras e valores prezados no convívio em sociedade.

A fala materna é um fator bastante importante no processo de construção da linguagem como também do pensamento infantil, pois ao adaptar sua fala ao nível de entendimento da criança, auxilia assim no processo de ganho de confiança para que a mesma se sinta encorajados e motivados a avançar no processo de desenvolvimento linguístico e assim criar seu próprio vocabulário. Fica evidente, portanto, que a convivência com adultos cotidianamente serve como uma mediação para aproximá-lo e inteirá-lo ao seu nível linguístico, pois um adulto apto linguisticamente fortalece o ganho de enriquecimento da linguagem infantil através de fatores sociais .

3.2 A linguagem cinematográfica

Considerada como sétima arte, o cinema conseqüentemente desenvolveu, de fato, sua linguagem própria e rebuscada, visto que sua constante evolução e sofisticação converteram-se em uns dos veículos de comunicação, informação e propaganda mais popular da contemporaneidade, abrangendo uma grande quantidade de pessoas em uma única seção. E, por conseguinte leva conteúdos culturais abordados em uma sociedade como: a linguagem, hábitos, cultura, religiosidade, entre outros aspectos.

É indiscutível que o cinema com sua agradável forma de utilizar e projetar seus recursos visuais e sonoros na tela exprime de maneira envolvente a sua linguagem, fazendo com que o telespectador compreenda a mensagem

que ele quer transmitir através de seus meios. Ademais, a busca pelo aperfeiçoamento da linguagem cinematográfica levou a interação e a conexão com as demais formas de comunicação já existentes na sociedade. De acordo com Silva:

A produção fílmica destinada ao cinema conquistou ao longo da sua popularização, um espaço significativo com o advento dos meios de comunicação de massa com a linguagem de interesse premente de expressiva versatilidade, compreender, além de um corpo de conhecimento notável, mecanismo de interface com outras linguagens, diálogos com várias expressões artísticas (Silva 2008 p.31.32).

De acordo com essa linha de raciocínio, a produção fílmica ao longo do tempo conseguiu alcançar seu status na modernidade, conquistando seu espaço através das suas obras cinematográficas, levando assim aos seus telespectadores momentos únicos e significativos através das suas sequências de cenas projetadas. A sua linguagem própria conversa com as demais artes já existentes no mundo moderno, prova disso é a linguagem poética onde por muitas vezes já serviu de enredo para diversas falas de personagens. Também são exemplos a música e a literatura que juntas contribuem de forma significativa na materialidade do filme. Carvalho afirma que:

O cinema é uma arte antropofágica, devorando meios que o cercam (teatro, literatura, pintura, fotografia ...). Ele criou sua própria linguagem e se firmou como arte do século XX - a arte do homem moderno- nenhum meio artístico, atualmente, reflete tão claramente este homem e sua compreensão estática de ver o mundo (Carvalho, 2003).

Com o surgimento da cinematografia, o conteúdo nela explorado envolvia diversas áreas do conhecimento, desde o filosófico ao científico. Visto que, temas relacionados à vida humana eram de grande relevância para denúncia de negligenciamento de uma grande parte da sociedade. No entanto, assim como a língua escrita como a falada possuem seu sistema de signos, fonemas, sentido, palavras e frases para constituir uma mensagem, o cinema também possui sua própria estrutura de signos para constituir sua comunicação. Segundo Benjamin:

[...] é certo que a linguagem da arte só poderia ser compreendida nas suas relações mais profundas com a teoria dos signos, sem estar, qualquer linguagem permanece fragmentária, porque a relação entre linguagens e signos vem das origens e é fundamental. (Benjamin 1994, p:1995)

Nesse sentido, a imagem tem um valor simbólico na transmissão da mensagem para o receptor, pois o vai guiando durante a reprodução do filme e assim criando uma sequência lógica dos fatos, sem fazer uso da linguagem oral. Um exemplo disso é a representação do cinema mudo que foi consagrado como uma das mais belas representações artísticas mudas de todos os tempos. Lembrando que a linguagem visual é feita, exclusivamente, através da visualização de imagens.

Além disso, o cinema desempenha a função de explorar ideias de uma forma mais interativa e lúdica, além de educar ou persuadir o público que qual assiste. Podendo, assim, se tornar uma arma bastante poderosa na transmissão de conhecimentos, abrangendo uma grande quantidade de pessoas por ser um entretenimento popular. Autores como Roman Jakobson e Ferdinand Saussure compartilham de um mesmo ponto de vista que a linguagem, não importando qual seja, é um sistema de signos que exprimem ideias e a semiologia é a ciência que estuda a vida dos signos no meio social. Para Jakobson:

[...] O cinema como obra de arte é, também, constituído de signos, sendo que o cinema pode também ser definido como linguagem; pode-se a entender a relação desse modo "objeto óptico e acústico" transformado em signos e na verdade o material específico do cinema. (Jakobson 1970, p.154 a 155)

4 A PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS LITERÁRIAS

Ao analisar as formas como a literatura vem sendo trabalhada ao longo dos tempos, infere-se que o problema se inicia logo com a consolidação de fato do ensino literário nas escolas públicas onde ocasionou na demanda exacerbada de professores pouco qualificados para essas aulas tendo de dar conta da gramática normativa e do ensino literário. Por muito tempo estes docentes só primavam pela concepção estática de um único ponto de vista, onde os alunos só aprendiam por um único modelo imposto pelo professor e os livros didáticos.

Com o passar dos tempos essa metodologia ainda se faz presente em algumas instituições de ensino uma vez que, com a entrada do educando no Ensino Médio ele se depara com uma literatura pouco atrativa, onde estas obras se limitam apenas em um mero objeto de estudo se restringindo apenas ao processo de análises, memorização de um grande quantitativo de informações literárias visando apenas nas resoluções de questões e preparatório para as provas de acesso ao Ensino Superior. De acordo com Todorov:

[...] O estudante não entra em contato com a literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma crítica, de teoria ou de história literária [...] para esse jovem, a literatura passa a ser então muito mais uma matéria escolar a ser aprendida em sua periodização do que um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, as paixões enfim, sobre sua vida íntima e pública. (Todorov, 2009, p.10)

Assim, o estudante ao ingressar no ensino médio defronta-se com um modelo de literatura engessada onde seus estudos se resumem apenas a uma sequência de datas, nomes, relatórios, fichas de leituras, debates e meras constatações já pré-estabelecidas. Além disso, o docente ao pegar um pressuposto da biografia, história ou filosofia e de imediato apresenta aquilo ao aluno como se fosse uma realidade ou constatação de algo acontecido, levando o jovem a se questionar o porquê de não se estudar aquele momento nas disciplinas de história ou filosofia. Reforçando, assim, o desânimo e o

desinteresse pelas aulas literárias, além de matar as suas possibilidades em ser um leitor autônomo e reflexivo, permanecendo então à mercê apenas de interpretações prévias do docente. Isso é preocupante, além de não atingir de fato o verdadeiro objetivo destas aulas, que é levar o estudante a momentos de apreciação, reflexão, reconhecimento de traços artísticos sobre aquela obra e por meio disso contribuir de maneira significativa na sua bagagem cultural e intelectual. Segundo Rildo Cosson:

O resultado de tudo isso é o estreitamento do espaço da literatura na escola e, conseqüentemente, nas práticas leitoras das crianças e dos jovens. No campo do saber literário, o efeito de tal estreitamento pode ser potencialmente ainda mais desastroso porque a escola é a instituição responsável não apenas pela manutenção e disseminação de obras consideradas canônicas, mas também de protocolos de leituras que são próprios da literatura. Se a presença da literatura é apagada da escola, se o texto literário não tem mais lugar na sala de aula, desaparecerá também o espaço da literatura como lócus de conhecimento. (COSSON, 2019, p. 15)

Ou seja, para Cosson (2019) a escola como instituição formadora e disseminadora de conhecimento deve dar uma maior visibilidade nas formas de como praticar o letramento literário, indicando meios e métodos de como promover uma boa leitura literária. Ademais, o autor também afirma que o docente em suas aulas deve ressaltar a importância de o saber ler como forma de aproximar o leitor do texto, aguçando assim sua curiosidade e expectativas.

Outro fator relevante é a padronização do livro didático nestas aulas, pois o mesmo só cristaliza a imagem de autores, fazendo umas análises biográficas dos textos literários dando ênfase em datas, gramáticas e análises literárias dificultando, assim, o interesse do aluno em gostar dessas classes. De acordo com Magnani

[...] certamente, não permite uma leitura crítica e transformadora da realidade, tornando paradoxal a intenção de [...] despertar prazer de ler e escrever. (Magnani, 1988, P 19-20)

Sendo assim, o livro didático desempenha um papel bastante importante no ensino literário, pois ele serve de auxílio pedagógico do professor no segmento desse processo. No entanto, este material ainda segue modelos bem limitados no quesito literatura, trazendo formas reduzidas e conteúdo bastante

fragmentado objetivando apenas a preparação mecanizada do aluno em vestibulares. Dessa forma, ele deixa de lado o objetivo central do texto literário que é a sua formação crítica, analítica e expansão do seu conhecimento. Para Cereja:

Os manuais de literatura, esquemáticos e apoiados em pressupostos da pedagogia transmissiva, com forte tendência à memorização, tendem a satisfazer uma realidade de ensino de literatura que conta com os professores sobrecarregados e mal preparados, além de alunos com perfil semelhante, uma vez que muitos deles são estudantes de curso noturno e dispõe de pouco tempo e poucos recursos para a leitura. (Cereja, 2005, p.61)

Assim, o livro didático é considerado por muitos docentes uma peça fundamental, que contribui para o processo de ensino-aprendizagem. No entanto, ele não funciona de maneira eficaz e sólida nas aulas literárias uma vez que estes instrumentos pedagógicos se tornam meros “manuais literários” que objetivam apenas capacitar esses jovens para futuros exames.

Já Rildo Cosson, diz que

[...] a literatura no ensino médio resume-se a seguir de maneira descuidada o livro didático, seja ele indicado ou não pelo professor ao aluno. São aulas essencialmente informativas nas quais abundam dados sobre autores, características de escolas e obras, em uma organização impecável quanto incompreensível aos alunos. Raras são as oportunidades de leitura de um texto integral, e, quando isso acontece, segue-se o roteiro do ensino fundamental, como preferência para o resumo e os debates, sendo que esses são comentários assistemáticos sobre o texto, chegando a extrapolar para discutir situações tematicamente relacionadas (COSSON, 2009, P. 22-23).

Como vimos a prática com o livro didático geralmente é trabalhada dessa forma. E, para, além disso, eles não oferecem possibilidades para que o discente interaja de forma mais ativa e reflexiva nas aulas literárias, pois os conteúdos desses materiais são reduzidos e segmentados. Por meio disto eles descartam uma grande parte da obra original e colocam apenas fatos preestabelecidos, fragmentos descontextualizados. Como afirma Zilberman:

Com respeito à literatura, enquanto evento cultural e social, depende de como a leitura é encarada pelos professores e, por extensão, pelos livros didáticos que encaminham a questão: pois, de uma

maneira ou de outra eles encarregam de orientar a ação do docente em sala de aula. (Zilberman,1988, p. 94)

Outro ponto relevante a ser levado em consideração são os descasos dos professores em relação aos conteúdos literários, colocando como privilégios as aulas de gramática e deixando para segundo plano as classes de literatura. Outrossim, são as metodologias adotadas em sala de aula pelos docentes, pois os mesmos permanecem aprisionados em modelos de ensinamentos tradicionais, utilizando apenas como recurso didático o conteúdo que o livro traz, fomentando ainda mais o desinteresse desses alunos. Para Rodrigues:

[...] a explicação estaria na falta de preparo ou de condições de trabalhos dos docentes (...), que continuam ensinando literatura nos moldes do século XIX, quando o aluno não colocava em dúvida a importância do conhecimento literário para sua formação educacional. (Rodrigues, 2016, p. 22)

É necessário que cada vez mais o professor crie novos meios que impliquem o aluno em uma aprendizagem mais ativa, positiva e participativa, tornando-se um profissional que construa o conhecimento de uma forma facilitadora no processo de ensino aprendizagem, pois conforme Paulo Freire (1996), “o ensino e sua prática não podem ser tratados como algo definitivo, pois são passíveis de mudança”.

Sendo assim, o processo de mediar conhecimentos exige uma busca constante de novas metodologias de ensino para que o aprendizado seja transmitido para aquele aluno de forma sólida, concreta e construtiva, dado que a atual sociedade exige dos profissionais da educação uma construção contínua de saberes, baseada no modelo de educação progressista, onde o processo de educação seja norteado pela democratização do ensino, levando o aluno a pensar claramente em seu meio social.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo apresentará as informações referentes às escolhas metodológicas que possibilitaram a investigação do problema apresentado por este estudo. De acordo com Severino (2007, p.117), "A ciência se constitui aplicando técnicas, seguindo um método e apoiando-se em fundamentos epistemológico". Para isto, serão analisados os procedimentos adotados para a realização deste estudo. Quanto aos meios, trata-se, inicialmente, de uma investigação de cunho exploratório-bibliográfico, por fazer uso de materiais como artigos, teses de mestrados e doutorados, livros e revistas, além de sites educacionais e de pesquisas especializadas.

O estudo bibliográfico é um procedimento essencial para o desenvolvimento de todo trabalho científico que implicará em todas as etapas de uma pesquisa. O estudo também se configura como uma pesquisa exploratória. Severino (2007, p.123) afirma que a pesquisa "exploratória" busca levantar informações sobre determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto. Logo, utilizamos este procedimento com o intuito de buscar conteúdo relevante dentro desta temática proposta, objetivando nos aproximar do instrumento cinema e de como ele pode contribuir como ferramenta facilitadora no processo de mediação de conhecimento nas aulas de literatura.

Lakatos (2011) pontua que o estudo visa construir conhecimentos que serão úteis tanto para o avanço da ciência como para fins pedagógicos. Nesta perspectiva, este estudo também conta com uma pesquisa de campo, cujo objetivo se destina no levantamento de dados através de um questionário. De acordo com Horn Diez (2005 p.73) " a principal finalidade deste tipo de pesquisa é recolher, ordenar e comparar dados coletados em campo. Sendo assim, o objetivo central é conhecer aspectos relevantes sobre o ensino de literatura em contexto escolar, dado que os resultados obtidos serão de ordem qualitativa, pois se utilizam de interpretações e análise feitas através de pesquisas obtidas.

Os questionários, principais instrumentos de coleta de dados, foram direcionados a professores que atuavam em escolas da rede pública e que ficavam encarregados de ministrar a disciplina de literatura. Desta maneira, a aplicação ocorreu no dia 20 de abril de 2021 de forma remota, onde o docente recebia o questionário por e-mail e respondia de acordo com seus conhecimentos. O instrumento de pesquisa, o questionário, contou com questões abertas e fechadas objetivando coletar dados relevantes para este estudo.

A análise dos dados, num primeiro momento, se deu com a averiguação das respostas obtidas através do questionário, as alternativas das respostas foram expostas e em seguidas comentadas e discutidos os resultados. Para facilitar a análise dos dados levantados e garantir o anonimato dos sujeitos da pesquisa, determinou-se chamar os docentes entrevistados na pesquisa por: docente 1, docente 2, docente 3, docente 4 e 5.

Sobre os sujeitos da pesquisa, a primeira pergunta levantada no "questionário" foi direcionada ao perfil dos entrevistados, ou seja, se era masculino ou feminino, tempo de serviço e formações na área de literatura. No 1º questionário, o docente 1 tinha entre 5 a 10 anos de trabalho prestado como docente, ministrava aulas atualmente nas turmas do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio e não tinha formação específica na área de literatura. O docente 2 trabalhou entre 21 a 25 anos e atualmente ministrava aulas nas turmas da 7º, 8º, 9º ano do Ensino Fundamental e ele também não possuía formação na área de literatura. A docente 3 foi uma professora também da rede pública, atuou em um período de 16 a 20 anos e atualmente atua nas turmas do 2º e 3º ano do Ensino Médio, 9 anos do fundamental e nos ciclos V e VI do EJA. A única que possui formação na área de letramento literário. A quarta entrevistada, docente 4, foi uma professora do fundamental que atuou no período entre 5 a 10 anos e ministrava aulas nas turmas dos 6º, 8º e 9º anos do Fundamental e ela também não possui formação na área de literatura. E no último questionário, docente 5, se trata de uma professora também do Fundamental que trabalha a menos de 5 anos e ministra aulas nas turmas do 8º e 9º ano e ela também não possui nenhuma formação específica na área de literatura.

Logo, observa-se, a partir das respostas obtidas, que todos os professores entrevistados têm um longo período de atuação. Porém, 4 deles não possuem formação específica na área de letramento literário. Sendo assim, eles recorrem ao que aprenderam ao longo de sua graduação.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O instrumento para coleta de dados "questionário" contou com sete perguntas onde uma era direcionada ao perfil do entrevistado, ou seja, se era masculino ou feminino, tempo de serviço e formações na área de literatura. Já as demais contaram com questões relacionadas à literatura e seu ensino em contexto escolar. Sendo assim, foram perguntas com respostas abertas e fechadas, onde o entrevistado teria de explicar o motivo da sua resposta.

A primeira pergunta, como já esclarecido anteriormente, estava relacionada ao perfil dos entrevistados e tais dados estão no capítulo metodológico, quando tratamos do perfil dos sujeitos da pesquisa. Quanto às demais questões, foram elaboradas 6 perguntas que estavam relacionadas à literatura e seu ensino e se os discentes gostaram ou não da disciplina. A segunda pergunta foi: você acha que o ensino da literatura é apreciado pelos jovens atualmente?

Docente 1: Não, grande parte dos jovens, hoje em dia, não têm o hábito da leitura. Primeiramente teríamos que despertar o gosto pela leitura. Eles estão mais interessados em informações rápidas e precisas, textos longos, como um romance, uma novela, de modo geral, causa desinteresse.

Docente 2: Não, porque a maioria dos jovens não possuem o hábito da leitura literária acham a leitura de uma obra cansativa e difícil compreensão.

Docente 3: Não, porque a juventude de hoje em dia quer uma certa facilidade em obter informações, sendo assim a leitura de um livro fica em segundo plano no cotidiano deles.

Docente 4: Não, porque uma parcela deles não possuem o hábito de ler e não são incentivados em casa. Eles alegam não terem tempo para a leitura de um livro com um grande quantitativo de páginas, preferem a informações rápidas.

Docente 5: Não, pois essa é uma pedra em nosso sapato enquanto docentes, visto que há uma discussão que não se deve trabalhar a literatura de forma fragmentada, mas também nem sempre é possível trabalhá-la de modo completo. Isso porque geralmente somos professores de português e em nossas poucas aulas precisamos trabalhar gramática, redação e literatura. Então, se o aluno não tem uma base de leitura, se ele não tem a leitura como prioridade em sua vida, provavelmente o ambiente escolar não será suficiente para que as obras possam ser trabalhadas de modo eficaz.

Diante das respostas dos sujeitos da pesquisa, infere-se, portanto, que os alunos não cultuam o hábito de leitura e por meio disto, não conseguem apreciar o simples ato de ler e compreender uma obra literária. Pois, com um mundo globalizado e suas facilidades alcançadas através da tecnologia a ação de ler se torna cada vez mais escassa como apontam os professores entrevistados. Isso ocorre porque os discentes preferem a busca por informações rápidas e precisas obtidas através das ferramentas tecnológicas. Bauman (1925) aponta que esse desejo em obter informações de forma acelerada está ligado à modernidade líquida, onde tudo acompanha a moda e o pensamento da época, Logo, a educação, a ciência e as relações sociais têm que serem ágeis e práticas, de acordo com essa teoria.

A terceira pergunta está relacionada à opinião dos professores a respeito das contribuições que o ensino da literatura atribui na vida acadêmica e social do aluno. Foi realizada a seguinte pergunta: na sua opinião, as aulas literárias contribuem para a formação de cidadãos ativos e conscientes? Os docentes entrevistados responderam da seguinte forma:

Docente 1: Sim, sem sombra de dúvida. As aulas de literatura fazem com que as pessoas voem sem ter asas, sonhem acordados e enxerguem os problemas sociais vividos, mesmo estando inserido neles. A literatura desperta o indivíduo para os mundos, real, fantástico etc.

Docente 2: Sim, pois através da literatura podemos nos deparar com as diversas sociedades passadas, assim como também conhecer as novas realidades, conhecer os poetas e textos literários que hoje vivem nos cânones.

Docente 3: Sim, pois a literatura permite uma percepção ampla das situações, permitindo ao leitor um novo olhar para a realidade e, muitas vezes, contribuem para novas ações.

Docente 4: Sim, porque através da literatura a arte, a metáfora, os sentimentos, os valores e os anseios de cada um se manifestam e pode levar o aluno a construir um percurso de identificação de si mesmo e do mundo a sua volta.

Docente 5: Sim, porque trabalha valores éticos e sociais.

Diante das respostas apresentadas, percebe-se que as aulas de literatura agregam vários benefícios à vida acadêmica e pessoal do aluno, contribuindo para que ele construa um novo percurso de identificação de si

mesmo por meio das questões trabalhadas nos textos literários. Logo, como pontuam os professores entrevistados, é possível o indivíduo ter uma percepção ampla das situações vividas, contribuindo para que eles tenham uma nova visão da realidade, trabalhe valores éticos e sociais, conheça sociedades passadas, textos e autores literários. Para Cosson:

A leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade. Tal fato acontece porque os textos literários guardam palavras e mundos tanto mais verdadeiros quanto mais imaginados, desafiando os discursos prontos da realidade, sobretudo quando se apresentam como verdades únicas e imutáveis. Também porque na literatura encontramos outros caminhos de vida a serem percorridos e possibilidades múltiplas de construir nossas identidades. Não bastasse essa ampliação de horizontes, o exercício de imaginação que a leitura de todo texto literário requer é uma das formas relevantes do leitor assumir a posição de sujeito e só podemos exercer qualquer movimento crítico quando nos reconhecemos como sujeitos. Cosson (2017, p.50)

Sendo assim, é uma disciplina de literatura precisa ser ainda mais discutida e trabalhada em contexto escolar, pois por meio dela o estudante pode ter uma formação que contribuirá para que ele seja mais atuante e crítico na sociedade que precisa de pessoas ativas que contribuam para a construção de uma coletividade mais justa e digna. Outra questão levantada no questionário foi: os seus alunos gostam das aulas de literatura se mantendo participativos? Ou acham cansativas e não interagem?

Docente 1: Conto com um meio termo, uma parte participa, outra não, depende da proposta de atividade, assunto e entre outros fatores.

Docente 2: Gostam. E interagem.

Docente 3: inicialmente, são resistentes, acham os textos longos, todavia conseguimos realizar alguns projetos de leitura literária.

Docente 4: Na maioria das vezes a literatura está diretamente ligada ao hábito de leitura. Então, se temos uma geração que em sua maioria apresenta resistência na prática leitora, possivelmente a literatura vá soar para ela algo enfadonho e sem sentido. Mas, tudo depende da forma com a qual levamos essa literatura para a sala de aula e quais os passos vamos adotar para que o aluno a tenha como apreciadora.

Docente 5: Não gostam. Pois é necessário aulas atrativas, sendo que eles perdem a atenção rapidamente conforme o conteúdo seja muito extenso seguido de muito leitura, mas nas minhas aulas uma boa parte participa, porém a outra nem tanto por achar muito conteudista.

Segundo as respostas dos professores entrevistados, grande parte dos seus alunos apresenta resistência ao ato de realizar leituras de obras literárias se mantendo dispersos e pouco interessados nesta disciplina. Nas explicações dadas pelos entrevistados, tudo depende da forma como eles vão receber esse conteúdo em sala. Logo, se o docente permanece aprisionado sempre ao mesmo modelo de ensino tido como tradicional em que a maioria das vezes a aula é sempre expositiva e o único suporte didático é o livro, só reforça a aversão existente entre o aluno e a prática leitora de obras literárias. Uma outra pergunta contida no questionário buscou saber qual a metodologia adotada pelos entrevistados em classe, a fim de conhecer aspectos relevantes para esta pesquisa.

Docente 1: Análise do discurso do aluno no momento de interação, trabalhos escritos da obra lida e questionário avaliativo

Docente 2: Leituras, resumos de obras literárias, saraus literários

Docente 3: Provas, realizamos seminários e atividades escritas.

Docente 4: Geralmente somos muito apegados ao produto final. O que não é certo, já que o processo que o aluno percorreu até chegar ali é muito mais gratificante. Tenho prática de avaliar por meios de resenhas, atividades avaliativas, apresentações de seminários, questionário avaliativos.

Docente 5: Através de produções de resumos ou resenhas e roda de conversa, questionários

Pelas respostas obtidas, nota-se que a maioria dos docentes se baseia pelo mesmo método avaliativo, onde boa parte do conhecimento que o aluno adquiriu é medida através de trabalhos escritos, análises de obras literárias, resenhas, questionário e provas. Isso mostra que a interação professor/aluno quase não existe, pois o momento do aluno argumentar, discutir e compartilhar o que realmente entendeu do conteúdo literário com seus colegas e professor não fazem parte do processo de ensino e aprendizagem tendo em vista que esses momentos de trocas de conhecimentos são bastante importantes para tornarem as aulas mais enriquecedoras e significativas para os envolvidos. Outra questão levantada está relacionada em saber qual o objetivo central das aulas literárias. Foi feita aos docentes a seguinte pergunta: durante suas aulas

os conteúdos programados visam a reflexão sobre como os estudantes refletem sobre a sua realidade, como agem em sociedade ou apenas objetivam preparatório para exames como vestibulares, provas etc?

Docente 1: Na sua grande maioria, visa somente a preparação para os vestibulares, algo meio que mecânico, consistindo apenas em ler, interpretar e responder às questões de acordo com a obra.

Docente 2: Conto com as duas perspectivas agir na sociedade e prepará-lo para futuros exames

Docente 3: Além da reflexão, do conhecimento necessário para os exames, procuro despertar o interesse pela leitura como fruição.

Docente 4: Tudo depende da abordagem escolhida. Se o meu propósito é que o aluno reflita sobre seu papel na sociedade através de uma obra literária, certamente essa ponte poderá ser construída. Mas o foco principal é a decodificação de conteúdos em busca de uma aprovação no exame

Docente 5: As minhas aulas visam o preparatório para futuros exames, pois a ementa escolar determina que os alunos saiam aptos para poder responder essa questão ao longo da sua vida acadêmica.

Considerado as respostas dadas ao questionário, nota-se que as aulas de literatura são tratadas como conteúdos mecanizados, ou seja, ela é mais voltada para o ensino de leitura e interpretação de textos, cujo foco central está em preparar o aluno para solucionar questões e conseqüentemente conseguir ser aprovado em provas ao longo da vida. Segundo Cereja (2005 P.25), essa aula é “voltada essencialmente para a memorização e para a classificação”. Sendo assim, a literatura não é trabalhada no seu real sentido, sendo ela algo que deva ser apreciado sem intenções prévias, que desperte o indivíduo para a realidade ao qual está inserido, levando-o a refletir a respeito das situações vivenciadas por ele em sociedade. A última questão está relacionada ao tipo de recurso didático utilizado em sala como estratégia de facilitar o processo de ensino e aprendizagem do aluno em relação a conteúdos literários. Aqui focamos no objeto maior da presente pesquisa que era refletir sobre a importância do cinema nas aulas de literatura. A pergunta direcionada aos docentes foi: já utilizou em alguma das suas aulas “filmes” relacionados às temáticas literárias como forma de facilitar o processo de ensino e aprendizagem? Explique.

Docente 1: Não muito, na verdade, raramente. Estou adotando um método de contar histórias, a fim de que eles possam contar o que leram e contar suas próprias histórias.

Docente 2: Não, porque esta temática demanda um certo tempo das aulas e tenho que dividir este tempo para trabalhar outros conteúdos como gramática, interpretação de texto e produção textual pois na grade curricular não existe uma divisão entre literatura e gramática, sendo assim o professor tem que dividir o tempo.

Docente 3: Sim. pois acho a temática bastante atrativa para os alunos, além de proporcionar um momento diferente para eles.

Docente 4: Não. Pois a escola não dispõe de sala de vídeo o que complica. Sendo assim, para montar o equipamento em sala demanda tempo e prejudica no processo da temática.

Docente 5: Não, porque a ementa curricular determina que nós professores de língua portuguesa foquemos em interpretações de texto, análise e produções.

Diante dos resultados obtidos, observa-se que as maiorias dos entrevistados não utilizam o apoio pedagógico de filme com estratégias de facilitar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, pois de acordo com suas respostas eles alegam que a temática demanda tempos para a efetivação e eles tem que dividir o tempo com os outros conteúdos como gramática, interpretação de texto e análise. Assim sendo, uma ferramenta que abrange um vocabulário bastante enriquecedor, além de contribuir para que o aluno amplie sua linha de raciocínio não é utilizada nas aulas literárias.

Diante das respostas dos docentes, percebe-se que não é difícil encontrar professores disposto a utilizar esta ferramenta em suas aulas, pois inúmeras vezes o cinema foi considerado um instrumento com um alto teor pedagógico por abranger temas relevantes que agregam no processo de ensino aprendizagem do aluno e assim contribui significativamente para tornar as aulas mais didáticas e menos enfadonhas. Quando a linguagem audiovisual entra em cena o universo do público que assiste se alarga abrindo o leque de várias análises acerca do tema discutido, tornando possível alcançar resultados satisfatórios em uma aula na qual se utiliza desse suporte didático. De acordo Alencar e Abud (2007, *apud* Christofolletti, 2009, p.65):

É preciso considerar o uso do cinema como documento histórico e como recurso didático para “uma aprendizagem dialógica, significativa e crítica da disciplina de História”. Abud ressalta que o filme na sala

de aula mobiliza operações mentais que “conduzem o aluno a elaborar a consciência histórica, forma de consciência humana relacionada imediatamente com a vida humana prática, e que se constitui, em última instância, no objetivo maior do ensino de História”.

Diante dos argumentos defendidos pelos autores, utilizar filmes como suporte pedagógico objetivando ampliar o conhecimento trabalhado, discutir acerca da temática apresentada é uma alternativa perspicaz para estimular o raciocínio crítico-reflexivo do aluno; dado que sua linguagem cinematográfica carregada de pontos que favorecem para que o telespectador forme seus próprios argumentos, reflexões e opiniões acerca do assunto discutido em sala. Além disso, ao conciliar esta ferramenta nas aulas de literatura pode-se colaborar para que o discente tenha um maior interesse pela obra apresentada, o estimulando a querer se aprofundar mais no contexto da história e assim adquirir o gosto pela leitura literária. Marcel Fonseca Carvalho (2009, p. 115) reforça nossas argumentações:

O cinema surge como uma possibilidade e um elo para melhorar o ensino e aprendizagem do conteúdo escolar como um aliado nas atividades pedagógicas da sala de aula. Vale salientar que, para isso, é necessário o professor ou a professora lerem e interpretarem criticamente as imagens/ mensagens dos filmes exibidos para trabalhar um determinado conteúdo.”

Como bem afirma o autor, o cinema é uma das ferramentas pedagógicas que tem em seu contexto a possibilidade de se trabalhar e discutir conteúdos em sala de aula. No entanto, é necessário pesquisar e se aprofundar na obra, buscando olhar com atenção para as análises mais profundas e reflexivas no que o filme quer transmitir, ou seja, procurar uma metodologia adequada acerca das contribuições que aquele filme possa agregar no conhecimento do discente e não apenas expor como mera ilustração, exemplificação ou anexo do conteúdo trabalhado.

De acordo com a professora da faculdade de educação de Brasília, Laura Coutinho (2010), “estando a educação escolar ainda em grande parte centrada na escrita e oralidade das aulas expositivas, o filme chega ao ambiente escolar meramente como ilustração”. Diante desse fato evidenciado pela professora, se fazem necessários a busca e o aperfeiçoamento de novas

metodologias focadas no trabalho pedagógico de filme em sala de aula, pois atualmente percebemos o quanto tem se tornado desinteressante para os alunos a metodologia baseada em aulas apenas expositivas que não permitem que o aluno exercite seu senso crítico. Por tudo isso, acreditamos que o uso de filme nas aulas de literatura é possibilidade para incitar o aluno a criar hábitos de leitura literária e o instigar a participar desses encontros, pois ao trabalhar o filme adequadamente se abre um leque de possibilidade nesse percurso de aquisição de conhecimentos através das mídias audiovisuais que nos cercam cotidianamente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a chegada da tecnologia e seus respectivos aparatos tecnológicos, a arte de ensinar e propiciar um aprendizado significativo tornou-se um desafio constante para os docentes e ainda maior para aqueles que ministram aulas de literatura, uma vez que os jovens hodiernamente se mantêm resistentes ao hábito da leitura literária e recorrem a essas ferramentas pela busca de informações rápidas, acarretando assim certa disputa entre a tecnologia e o professor em sala para atrair a atenção desses jovens e despertar seu gosto pela leitura literária.

É sabido que ultimamente esta geração está cada vez mais inserida neste meio multimidiático e assim conhecendo outras formas de linguagens surgidas através destes veículos de comunicação e informações. Posto isto, se faz necessário que o professor rompa com essa competição com a tecnologia e passe a se reinventar em suas metodologias de ensino e coloque-a como sua aliada nesse processo. Também, o sistema educacional deve contribuir para isso fazendo valer sua relevância na formação e transformação social do indivíduo perante a nova realidade em que a tecnologia é parte essencial da sociedade, inserindo, assim, essas ferramentas tecnológicas em seu espaço escolar, mostrando que sabe compreender suas novas linguagens.

Além disso, hoje em dia é cada vez mais importante que o aluno seja hábil em interpretar e entender outras formas de linguagens além da escrita e uma das maneiras para desenvolver esta habilidade seria através da inclusão de mídias diversas no espaço escolar, mais precisamente em sala de aula. O cinema como sendo uma delas seria uma alternativa viável no processo de ensino literário por abordar várias temáticas literárias, além de se tratar de uma ferramenta que envolve uma linguagem própria para desenvolver o enredo abordado de forma atrativa e instigante.

Sob esse viés, utilizando essa ferramenta "cinematográfica" aliada às aulas de literatura o docente estará contribuindo para que seu aluno participe da aula de forma ativa, como também esses alunos podem ser capazes de analisar e interpretar de forma eficiente outras formas de linguagem como a multimodal. Assim sendo, no atual momento, no qual a linguagem passa por

várias transformações e ser configurado em novos formatos caracterizados como “multimodais” influenciados diretamente pela tecnologia, o presente estudo faz-se relevante por utilizar duas formas de linguagens “cinema/literatura” como forma de despertar o interesse do aluno pelas leituras literárias e facilitar o processo de ensino.

Ao fazer uma análise da importância do recurso audiovisual “cinema” e da sua ausência no espaço da sala de aula, concluímos como válida a questão problema fomentada no começo da pesquisa. Logo constatamos que este gênero multimidiático é benéfico para servir de apoio pedagógico para o professor no processo de mediação de conteúdos literários de forma significativa uma vez que seus elementos de construções tais como: imagens, áudios, personagens, expressões e gestos são imprescindíveis para que o indivíduo atinja uma compreensão ampla. Desta forma, os docentes precisam estar inteirados com essas perspectivas audiovisuais que o cercam por contribuir para a formação do discente.

Ademais, também foi possível perceber, que o uso de filmes literários em sala, como incremento pedagógico, pode colaborar para que o aluno consiga criar uma ponte e construir sua própria formação por possuir temáticas que fazem despertar seu senso crítico, além de possuir um vocabulário amplo, com argumentações de alto valor que é próprio do gênero. Além do mais, este gênero multimidiático é uma forma atrativa e lúdica que consegue atrair a atenção do aluno e despertar sua curiosidade em descobrir o enredo daquela história apresentada e assim tornar as aulas mais empolgantes e envolventes.

Esperamos que as reflexões fomentadas nesta pesquisa sejam promissoras para que o estudo multimodal da cinematografia aliado às aulas de literatura seja ainda mais explorado em pesquisas e faça parte da formação dos professores de literatura, pois ele apresenta muitas potencialidades a serem exploradas no ambiente escolar. O presente estudo nos permite concluir que o recurso audiovisual cinema é um leque de possibilidades a ser explorado nas aulas de literatura além de ser um amplo campo de investigação para o desenvolvimento e aplicação de novas metodologias.

REFERÊNCIAS

Andrade, valeska. O papel do cinema é gerar uma memória de nós mesmos. **Glog educação**. Ceara, 20 mai. 2009. Disponível em:

<https://blogs.opovo.com.br/educacao/2009/05/20/o-papel-do-cinema-e-gerar-uma-memoria-de-nos-mesmos-2/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

BAGNO, Marcos; STUBBS, M. & GAGNÉ, G. **Língua Materna**. Letramento, Variação & Ensino. São Paulo: Parábola, 2002.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998.

BRASIL / Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Pontes, Campinas: 1988.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas, literatura e teoria literária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

BENJAMIN, Walter. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**: Traduções de Maria Luz Moita e Maria Amélia Cruz e Manuel Alberto. Prefácio de T. W. Adorno. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1994.

BENJAMIN, W. **Teses sobre filosofia da história**. Sociologia, org. Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1985. BENJAMIN. Sobre o conceito de História. Obras escolhidas, v. 1. (Trad. Jeanne M. Gagnebin e S. P. Rouanet). São Paulo: Brasiliense, 1985.

BLOOM, Harold. **COMO E POR QUE LER**. Editoração Eletrônica Abreu's System Ltda. 2001.

BORGES, Lucivanda Cavalcante; SALOMÃO, Nádya Maria Ribeiro. **Aquisição da Linguagem**: Considerações da Perspectiva da Interação Social. In.: Psicologia: Reflexão e Crítica, 2003, p. 327-336. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/prc/v16n2/a13v16n2.pdf>.

CANDIDO, Antonio. “**A Literatura e a Formação do Homem**”. In: *Textos de Intervenção* Editora 34.

CARVALHO, L. F. B. de. Estética publicitária & linguagem cinematográfica: uma análise imagética e pós-moderna de Cidade de Deus. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 5, n. 1/2, p. 95–116, 2013. DOI: 10.5216/c&i.v5i1/2.24174. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/24174>. Acesso em: 26 maio. 2021.

CARVALHO, Marcel Fonseca O CINEMA COMO FONTE DE PESQUISA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: uma análise da ditadura militar brasileira. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Maringá. 2009.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**/ Rildo Cosson.- 2.ed; 2ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2012.

COSTA, F.C. Cap. I - Primeiro Cinema. História do cinema mundial/Fernando Mascarello (org.). - Campinas, SP: Papirus, 2006. - (Coleção Campo Imagético).

COSTA, Flávia Cesarino. Primeiro cinema. In: MASCARELLO, Fernando (Org.). História do cinema mundial. Campinas: Papirus Editora, 2013.

CEREJA, Magalhães. Significação e tema. In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

Christofoletti, Rogério. Filmes na sala de aula: recurso didático, abordagem pedagógica ou recreação?¹ **educação**, Santa Maria, v. 34, n. 3, p. 603-616, set./dez. 2009 603 Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacao> Acesso em 26 mai. 2021.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Formação de Educadores – Inovação e tradição: preservar e criar na formação docente [recurso eletrônico] / organizado por Iraíde Marques de Freitas Barreiro, Raquel Lazzari Leite Barbosa. – São Paulo: editoria Unesp Digital, 2020.

FRANCHI, C. **Linguagem**: atividade constitutiva. Almanaque. São Paulo: Brasiliense, n. 5, 1977.

IÁÑES, Eduardo. **Historia de La Literatura**: Las Literaturas Antiguas Y Clasicas. Volume 1, 1989.

JAKOBSON, Roman. **Linguística, poética e cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1970. (Coleção Debates)

KOCH, Ingedore Villaça. **A Inter-Ação Pela Linguagem**. Contexto. São Paulo, 1997.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**/ Mariana de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos.- 5.ed.- São Paulo: Atlas 2003.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

MAESTRO, Jesús G; **Critica de la Razón Literaria** . El Materialismo Filosófico como Teoría, Crítica y Dialéctica de la Literatura . Vigo: Editorial Academia del Hispanismo, 2017.

MAGNANI, M. R. M. **Literatura e educação em Cecília Meireles**. 8 fls. Trabalho final da disciplina "Evolução da educação brasileira" – professor Casemiro dos Reis Filho – Mestrado em Educação – FE-UNICAMP. Campinas, 1980 (datilografado).

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. Papyrus Editora, 13 de mai. de 2015. Disponível

em:https://books.google.com.br/books?id=GniADwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false.

Acesso em: jan. 2021.

MATSUMOTO, Claudio Hildeo. 8 motivos para apostar na leitura. **Blog tudo sobre leitura**, São Paulo, 7 mar. 2010. Disponível em:

<http://tudosobreleitura.blogspot.com/2010/03/8-motivos-para-apostar-na-leitura.html?m=1> Acesso em: 10 jun. 2020.

MOURA, Alexssandro Ribeiro. **Lavoura Arcaica**: tradução intersemiótica. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. (1971) Par-delà bien et mal. Textos e variantes organizados por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Trad. De Cornélius Heim. (DPF – Des préjugés des philosophes). Paris, Éditions Gallimard.

STAM, Robert. **Introdução à Teoria do Cinema**. Campinas: Papyrus, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Democracia no cotidiano da escola**, 2ª edição – Rio de Janeiro, Editora DP&A: SEPE, 2001.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. **Introdução a Sociologia da Educação**, São Paulo, Ática, 1993

PADUIM, Viviane. **Fundamentos básicos da linguagem audiovisual: cinema**, In: Paraná. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2013. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.2. (Cadernos PDE). Disponível em http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_fap_arte_pdp_viviane_paduim.pdf. Acesso em: 24/06/2020.

PAVEAU, Marie! Anne & SARFATI, Georges! Elia. As grandes teorias da linguística: Da gramática comparada à pragmática. São Carlos: Claraluz, 2006.

PFEIFFER, Cláudia Castellanos & NUNES, José Horta (orgs.) Introdução às Ciências da Linguagem. Linguagem, História e Conhecimento. Campinas: Pontes Editores, 2006.

PROPP, Vladimir. **Morfologia Del Cuento**. 2.ed. 21 editorial fundamentos. 1928.

SANTANA, Ilma Esperança de Assis. **O cinema operário na república de Weimar**. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.

SALEM, Nazira. **História da literatura infantil**. São Paulo; Mestre Jou, 1970.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007. 304 p.

SILVA, Julyana Moreira da. **Leitura, literatura e cinema na sala de aula: uma cena**; 2008. 93 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, Mestrado em educação, 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/8354772-Leitura-literatura-e-cinema-na-sala-de-aula-uma-cena.html>. Acesso em: dez.2020.

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. Trad. Fernando Mascarello. São Paulo: Papyrus, 2003.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

XAVIER, I. **Um Cinema que "Educa" é um Cinema que [NOS] FAZ PENSAR**. In: Cinema e Educação33(1): 13-20 jan/jun 2008.. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6683/3996>. Acesso em 15 de jun de 2020.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1988. Coleção Repensando o Ensino.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 4 ed. São Paulo: Global, 1985.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1987.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Org.). **Literatura e pedagogia: Ponto e Contraponto**. Série Confrontos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS DE I CAMPINA GRANDE

QUESTIONÁRIO PESQUISA

Pesquisa realizada com o objetivo de conhecer aspectos relevantes sobre o ensino de literatura em contexto escolar. Nenhum dado pessoal dos sujeitos será divulgado.

1. Dados dos sujeitos da pesquisa

- Sexo

Feminino ()

Masculino ()

- Professor (a) de quais turmas ?

- Tempo de serviço

menos de 5 anos () de 10 a 15 anos () de 21 a 25 anos ()

de 5 a 10 anos () de 16 a 20 anos () Mais de 26 anos ()

- Tem alguma formação específica na área de literatura?

Sim () Não ()

2. Você acha que o ensino da literatura é apreciado pelos jovens atualmente? Por quê?

Sim () Não ()

3. Na sua opinião, as aulas literárias contribuem para a formação de cidadãos ativos e conscientes?

4. Seus alunos gostam de aulas de literatura? Conseguem se manter participativos? Ou acham cansativas e não interagem?

5. Qual é a sua metodologia para avaliar o que o aluno aprendeu em relação ao conteúdo literário?

6. Durante suas aulas os conteúdos dos livros literários programados visam a reflexão sobre como os estudantes agiram em sociedade ou apenas objetivam preparatório para exames como vestibulares, provas etc?

7. Já utilizou em alguma das suas aulas “filmes” relacionados às temáticas literárias como forma de facilitar o processo de ensino e aprendizagem? Explique.

Sim () Não ()